

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA  
MESTRADO EM PSICOLOGIA

**A família atual: declínio da função paterna ou  
declínio dos pais?**

**JULIANA GUIMARÃES DE OLIVEIRA GOMES**

GOIÂNIA, 2011

JULIANA GUIMARÃES DE OLIVEIRA GOMES

## **A família atual: declínio da função paterna ou declínio dos pais?**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Goiás como requisito para obtenção do título de Mestre em Psicologia, sob a orientação do professor doutor Fábio Jesus Miranda.

**Goiânia, junho de 2011**

## **A família atual: declínio da função paterna ou declínio dos pais?**

Defesa de Mestrado no Programa de Pós-Graduação em Psicologia na Pontifícia Universidade Católica de Goiás, em 17 de junho de 2011, pela Banca Examinadora constituída pelos seguintes professores:

---

Prof. Dr. Fábio Jesus Miranda – PUC-GO (presidente)

---

Prof. Dra. Susie Amâncio Gonçalves de Roure - UFG-GO

---

Prof. Dr. Sebastião Benício da Costa Neto – PUC-GO

---

Prof. Dra. Ana Cristina Resende – PUC-GO (suplente)

Com amor,  
dedico esse trabalho aos meus pais, que  
acompanham a minha vida sempre  
disponibilizando o que eles têm de mais nobre,  
o seu amor e a presença “efetiva” em minha  
vida.

Ao meu irmão querido Rafael, que com seu  
carinho e graça está sempre ao meu lado.

E ao meu marido Lênio, que com sua  
delicadeza, carinho e paciência esteve  
presente em todos os momentos, me dando  
além de seu amor, incentivo e calma.

## AGRADECIMENTOS

O longo processo de formação de uma dissertação é constituído por momentos de extrema solidão, e também é composto da ajuda de pessoas que de alguma forma estão ao nosso lado. Gostaria de agradecer a algumas delas:

Ao meu orientador Fábio Jesus Miranda, que com seu conhecimento e carinho me possibilitou concluir esse trabalho. Sua presença foi fundamental.

À Susie Amâncio de Roure, pela disponibilidade em ler meu trabalho e estar na banca de defesa. É uma honra tê-la nesse momento tão especial e formativo.

À Sebastião Benício, pela atenção e cuidado com que leu minha dissertação, pelas sugestões na qualificação e pela disponibilidade em estar na defesa. Muito obrigada!

Aos meus pais, mais uma vez, gostaria de agradecer por me proporcionarem a conclusão de uma etapa tão importante na minha formação enquanto profissional. E agradecer pelo amor que me deram ao longo da minha vida. Vocês são essenciais para mim.

Ao Rafa, irmão que me acompanha com seu amor, dedicação e com seus dotes “fisioterapêuticos” que muito me ajudaram com as dores físicas provenientes desse trabalho.

Ao Lênio que mais do que ninguém acompanhou as delícias e sofrimentos de estar casado com uma mestranda. Seu eu consegui chegar aqui, muito se deve ao fato de você estar ao meu lado, com a maior paciência que alguém pode ter. E gostaria de te agradecer por junto comigo aprendermos a viver um grande amor.

À Adriana Veras Salgado, minha analista, que com suas perguntas certas e silêncios reveladores, possibilitou a conclusão dessa etapa em minha vida. E também muito obrigada pelas sugestões de bibliografia.

Ao Luciano Caldas pelas inúmeras sugestões para esse trabalho.

À Anita Cristina Azevedo Resende por ter me iniciado nesse caminho. A formação que tive ao seu lado se faz presente em minha vida profissional e está refletida nesse trabalho.

Às professoras do Instituto Sedes Sapientiae, Helena Albuquerque e Ana Lúcia Panachão, que muito me ensinaram sobre Psicanálise e sobre a importância de reconhecer as próprias limitações.

Aos meus colegas de formação: Adriana Pinho, Marcos Moraes, Luiz Farinelli, Candice Marques, Flávia Bomtempo e Beatriz Ferreira pelas ricas discussões junto com as professoras que muito me ajudaram a pensar esse trabalho.

Às minhas amigas mais que especiais: Bel, Gisa, Erika e Juliê que estão do meu lado não importando em que situação eu me encontro. O carinho de vocês me fortalece.

À Camila Fleury amiga querida e presente, que me auxiliou com seu carinho, dando dicas importantes para a conclusão da dissertação.

À Rachel, Leilyane, Renata e Flávia que, de diferentes formas, me apoiaram e estiveram comigo nesse percurso.

“- Olha, agora!

Miguilim olhou. Nem não podia acreditar! Tudo era uma claridade, tudo novo e lindo e diferente, as coisas as árvores, as caras das pessoas. Via os grãos de areia, a pele da terra, as pedrinhas menores, as formiguinhas passeando no chão de uma distância. E tonteava. Aqui, ali, meu Deus, tanta coisa, tudo... O senhor tinha retirado dele os óculos, e Miguilim ainda apontava, falava, contava tudo como era, como tinha visto. Mãe esteve assim assustada; mas o senhor dizia que aquilo era do modo mesmo, só que Miguilim também carecia de usar óculos, dali por diante.” (João Guimarães Rosa, 2001, p. 149).

## RESUMO

GOMES, Juliana Guimarães de Oliveira. **A Família atual: declínio da função paterna ou declínio dos pais?** 2011. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Psicologia) – Mestrado em Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2011.

Considerando a contemporaneidade, temos assistido a uma inflação de episódios, como por exemplo, a violência, que de um modo geral indicam uma falha no processo de culturalização/socialização dos indivíduos. A família, como célula nuclear da sociedade, tem sido apontada como central para a análise desta conjuntura cada vez mais evidente. Neste sentido, faz-se mister buscar uma compreensão das configurações relacionais entre pais e filhos, mais especificamente no que se refere ao exercício da função paterna. Esta pesquisa teve como objetivo a investigação do exercício da função paterna na atualidade em situações onde há uma percepção pelos próprios pais de fracasso ou incapacidade no exercício da sua função de socializar os filhos. Para tanto foi realizada uma revisão bibliográfica que contemplou as configurações da família desde o final da Idade Média até o momento atual; um exame, ancorado na Psicanálise, do processo de constituição psíquica do indivíduo no interior da família, do papel central da função paterna e do que vêm sendo apontado como seu declínio ou enfraquecimento. Do ponto de vista empírico, a pesquisa realiza a observação e análise de três famílias participantes de um *reality show* da televisão brasileira, onde os pais encontravam-se em significativa dificuldade no processo de criação/educação dos filhos. São elencados os seguintes *Fatores Motivacionais*: *Ideal de Pais* (crença em um modelo onipotente); *Despreparo Emocional* (imaturidade, incapacidade de gerir conflitos, incapacidade de auto-avaliação e reflexão), *Disposição Afetiva* (medo de perda do amor, insegurança, culpa, identificação/projeção, ambivalência afetiva). A análise dos dados foi realizada por meio da observação e do exame pormenorizado das falas dos pais considerando o método de Análise de Conteúdo (Bardin, 2009). Uma consideração geral dos resultados afirma um declínio dos pais e não da função paterna na atualidade.

Palavras-chave: função paterna, relação pais e filhos, família atual, terceirização da função paterna.

## ABSTRACT

GOMES, Juliana Guimarães de Oliveira. **The Actual Family: decline of the paternal function or the parents' decline?** 2011. Dissertation (Psychology Post Graduation Program)– Masters in Psychology, Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2011.

Considering contemporaneity, we have been watching an increase of episodes, such as violence, which generally indicates a failure in the process of culturalization /socialization of individuals. The family as a nuclear cell of society has been identified as central to the analysis of this situation increasingly evident. In this sense, it is essential to seek an understanding of relational configurations between parents and children, specifically with regard to the exercise of the paternal role. This study aimed to investigate the exercise of the paternal role nowadays in situations where there is a perception by parents of failure or inability in exercising his/her function of socializing children. For that, a bibliography review was fulfilled contemplating the family settings from the end of the Middle Ages until the actual moment; an exam, anchored in Psychoanalysis, of the process of the psychic constitution of the individual in the interior of the family, the central role of the paternal function and that which has been appointed as its decline or weakening. From the empirical point of view the research makes the observation and analysis of three Brazilian families who take part in a *reality show* from a Brazilian TV, where parents were in significant difficulty in the process of raising/nurturing children. Are listed the following *Motivational Factors: Ideal for Parents* (belief in an omnipotent model); *Emotional Unpreparedness* (immaturity, inability to manage conflict, inability to self-evaluation and reflection), *Affective Inclination* (fear of loss of love, insecurity, guilt, identification/projection, affective ambivalence). Data analysis was performed by means of observation and detailed examination of the parents' speeches considering the Method of Analysis (Bardin, 2009). A general consideration of the results states a decline of parents and not the paternal role nowadays.

Key-words: paternal function, relations between parents and children, current family, outsourcing of the paternal role.



## Sumário

Introdução.....	10
<b>Capítulo 1</b>	
O passado no presente da família moderna .....	16
<b>Capítulo 2</b>	
A função paterna para a Psicanálise.....	27
<b>Capítulo 3</b>	
Função paterna e a contemporaneidade.....	48
<b>Capítulo 4</b>	
Percurso da pesquisa.....	62
4.1 – Delineamento da pesquisa.....	62
4.2 – Participantes.....	62
4.3 – Procedimentos gerais.....	63
4.4 – Procedimentos para análise dos dados.....	64
4.5 – Resultados e discussão.....	66
4.6 – Função Paterna: fatores motivacionais e resultantes disfuncionais.....	74
<b>5. Considerações Finais</b>	
Declínio da função paterna ou declínio dos pais?.....	79
<b>Referências</b>	
Bibliográficas.....	82
Anexos.....	85

## Introdução

Vivemos uma realidade de contradições. A mais aparente parece ser aquela que interpõe de lados opostos e não integrados a tradição e a inovação. Esta dicotomia, fruto de um sem número de fatores, se estende a praticamente todo o campo da existência humana. O cenário atual apresenta mudanças nos laços sociais, o que implica num pensamento sobre a constituição do sujeito. A constante mudança na realidade, com as inovações tecnológicas, os novos modos de produzir e de se levar a vida engendram no sujeito uma necessidade de ter que se adaptar aos fatos. Como o sujeito pensa essa “nova” realidade, como tem se configurado sua subjetividade diante das transformações nos âmbitos sociais, familiares e pessoais, são questões que se impõem na realidade que está posta.

Temos visto episódios constantes de violência, desrespeito ao outro, falta de limites, pais que dizem não conseguir educar seus filhos, enfim, fatos que acontecem e nos levam a pensar sobre o que está acontecendo. Uma questão em voga no momento e que faz remeter a essa problemática, pois se atribui à ela seu efeito, é o que se convencionou chamar de enfraquecimento, ou esfacelamento ou declínio da função paterna.

O tema da constituição do sujeito na psicanálise é tomado por uma inscrição da função paterna. Para a psicanálise, a função paterna é a inscrição do terceiro que vem para interditar o sujeito na relação que estabelece inicialmente com a mãe. A função paterna é exercida simbolicamente e ela prescinde de uma figura efetiva exercendo-a.

A função paterna tem como principais objetivos demarcar limites, estabelecer regras, ser a referência de uma autoridade, nomear, interceder,

estruturar, mediar o desejo e instituir a lei, possibilitando que o indivíduo que acaba de nascer torne-se sujeito. Quando ela não é exercida, o sujeito fica sem referência, sem limites, levando-o a pensar e a atuar sem a noção de que seu direito termina quando inicia-se o do outro.

A família moderna é o *locus* onde o processo civilizatório pode se efetivar. Onde se aprende o que é amar e odiar, o que é autoridade, respeito, enfim valores e comportamentos que essas famílias conscientemente julgarem necessários para passarem a seus filhos, bem como valores, afetos e comportamentos que inconscientemente serão também passados.

Nesse caldeirão de afetos e desafetos, de proteção e desamparo, de compreensão e incompreensão, de hierarquias, de agressividade, de angústia, de carinho, de diálogo, de culpa, de amor e de ódio que será constituído o psiquismo desse novo sujeito.

A multiplicação de livros, blogs, palestras e programas de televisão que prometem ensinar aos pais como cuidar de seus filhos chama a atenção. É notório as altas vendas dos livros de auto-ajuda e a popularidade dos programas de televisão que se propõem a discutir o tema: “Educação de filhos”. É interessante salientar que não é só de senso comum que se alimentam esses livros e programas. Existe uma psicologia que se propõem a isso. Uma Psicologia assistencialista, que prega a ausência de conflito inerente à vida familiar, que apresenta uma fórmula à qual a família deve se encaixar para que possa ser considerada uma família feliz e bem resolvida.

Esse trabalho vai na contramão disso. Tendo como objetivo uma investigação, sob o aporte teórico da Psicanálise, do exercício da função

paterna na atualidade em situações onde há uma percepção dos pais em relação à sua função de fracasso e de incapacidade de exercer essa função.

Há uma vertente que trabalha com a inexistência da função paterna atualmente. Essa não será utilizada no presente trabalho, pois se considera que sem a função paterna voltaríamos à barbárie e apesar de estarmos vivendo tempos em que atos de violência tem se apresentado com frequência, não se trata de uma barbárie completamente.

Procurou-se tratar do tema da função paterna tentando apreender o que há de universal nele, sem ir para comportamentos pontuais aos que os autores atribuem seu aparecimento dado ao declínio da função paterna. Como por exemplo: anorexia, bulimia, toxicomania, compulsão por jogo, sexo, consumismo e outros.

O trabalho procurou tratar desse enfraquecimento como um reflexo da psicopatologia da vida cotidiana, como tem se efetuado a função paterna nos sujeitos que contemporaneamente tem que lidar com constantes mudanças de objetos que facilitam a vida, com as novas configurações familiares, com os novos hábitos e costumes que por si só levam a uma alteração da relação entre sujeito e sociedade.

O objetivo geral do trabalho é analisar o exercício da função paterna na contemporaneidade. Os objetivos específicos são: apreender quais os fatores motivacionais relacionados ao que se denomina declínio da função paterna na atualidade. E quais as resultantes desses fatores no que se refere ao processo de educação/criação dos filhos.

Trata-se de uma pesquisa que teve dois momentos, o primeiro teórico buscando autores que analisassem o tema e de temas correlacionados, entre

eles: Sigmund Freud, Joël Dor, Juan-David Nasio, Jean-Pierre Lebrun, Elisabeth Roudinesco, Joel Birman, Phillipe Ariès, Elisabeth Badinter, Theodor Adorno, Max Horkheimer e Christopher Lasch. E um segundo momento onde foi feita a análise dos episódios da primeira temporada do seriado brasileiro “Super Nanny”.

A audiência do programa “Super Nanny” tem nacionalmente um total de 3.026.014 de telespectadores. Desse número 64% são mulheres, 34% do total pertence à classe AB, 49% do total pertence à classe C e 17% do total pertence à classe DE. E 39% dos telespectadores estão na faixa etária de 25 a 49 anos. Esses dados foram formalmente cedidos pela Central Globo de Comunicações. A audiência do programa se torna relevante à medida que ele é frequentemente citado nas conversas sobre educação de filhos.

O programa apresenta famílias onde os pais dizem ter problemas para educar seus filhos, problemas que giram em torno de não conseguirem estabelecer regras, como hora para dormir, tomar banho, estudar, comer entre outras atividades rotineiras. Esses pais também reclamam não conseguirem ser respeitados por seus filhos e se sentem desautorizados. Então, o programa vai à casa desses pais, filma a rotina deles, depois mostram uma entrevista com os pais apresentando a família e dizendo dos problemas que tem enfrentado. A partir disso, a personagem da “Super Nanny” vai à casa e observa a rotina dessa família. Depois ela conversa com os pais pontuando quais problemas verificou e como pode auxiliá-los.

Com isso, ela traça um planejamento de alteração da rotina da casa, estabelecendo horários para as tarefas, determina o que cada membro pode e não pode fazer, estabelece um castigo para as crianças caso o não

cumprimento das regras e ensina os pais como proceder com os filhos para que esses os respeitem. Após uns dias com ela na casa auxiliando na organização da nova rotina ela se retira para que os pais fiquem sozinhos aplicando as novas regras e o programa continua filmando. Depois ela volta para dar novas orientações sobre o que não funcionou e reafirmar a importância do cumprimento das regras.

Foram assistidos a todos os episódios da primeira temporada do programa e alguns episódios, escolhidos aleatoriamente, da segunda à quinta temporada. Como o formato é o mesmo e os problemas e dificuldades se repetiam optamos pela primeira temporada, já que existe um Box de DVD com a temporada completa. A escolha dos três episódios analisados deu-se em função de ser eles o que apresentavam uma quantidade maior de fala dos pais.

Quanto à exposição, a dissertação foi organizada em quatro capítulos. No primeiro, intitulado *O passado no presente da família moderna*, busca, na história a compreensão do processo percorrido pela família entre a Idade Média até que se chegasse às formas que se conhece hoje, bem como nessa família moderna como nasce o sujeito psíquico da modernidade, o qual Freud verteu seus estudos.

O segundo capítulo, *A função paterna para a Psicanálise*, faz um estudo das obras de Freud para que se entenda os elementos necessários para a constituição psíquica do sujeito contemporâneo, como ocorre a travessia do Édipo até que o sujeito possa partir para suas próprias escolhas. Depois, entendendo que a função paterna é uma categoria presente em toda a obra de Lacan procurou seus leitores que tratem especificamente do tema e que puderam contribuir na compreensão do mesmo.

O terceiro capítulo, *A função paterna e a contemporaneidade*, trata de como tem se apresentado e operado a função paterna. Há uma discussão da problemática de como fica a constituição psíquica do sujeito com o enfraquecimento dessa função e na família como fica a relação com os filhos. Como o medo da perda do amor dos filhos tem amedrontado os pais no exercício de sua função.

O quarto capítulo, *Percurso da Pesquisa*, apresenta-se o programa onde há famílias pedindo ajuda à personagem chamada “Super Nanny”, por não conseguirem estabelecer um processo de educação/criação dos filhos. Há nos Anexos uma tabela com a descrição literal das falas dos pais nos episódios e junto das falas temas que suscitaram para uma discussão. Após esse momento procurou-se fazer uma análise da situação inferindo a problemática.

## Capítulo 1

### O passado no presente da família moderna

O conceito e a realidade do que é a família assume distintos contornos ao longo de sua história. E será essa família que tem seus contornos marcados pelo tempo histórico em que está inserida que irá desenvolver o processo de socialização a cada criança que nasce. Esse processo terá implicações tanto históricas quanto na configuração psíquica do indivíduo e, conseqüentemente, tornar-se-á socialmente relevante.

A forma como se conhece a família hoje é conseqüência do processo histórico que constitui transformações sutis a essa instituição. “A família altera a sua estrutura e função, de acordo com determinados períodos e grupos sociais. Sofreu especialmente importantes transformações sob a influência do desenvolvimento industrial” (Horkheimer, 1983, p. 128-129). Transformações ocorridas entre os séculos XVI e XVII marcaram o rompimento com o modelo de família da Idade Média, engendrando o início da família moderna e conseqüentemente com um sentimento novo: o sentimento de família.

... seria vão contestar a existência de uma vida familiar na Idade Média. Mas a família subsistia no silêncio, não despertava um sentimento suficiente forte para inspirar poetas e artistas. Devemos atribuir a esse longo silêncio uma significação importante: não se conferia um valor suficiente à família. Da mesma forma, devemos reconhecer a importância do florescimento iconográfico que a partir do século XV, e sobretudo XVI, sucedeu a esse longo período de obscuridade: o nascimento e o desenvolvimento do sentimento de família. Daí em diante, a família não é apenas vivida discretamente, mas é reconhecida como um valor e exaltada por todas as forças da emoção. (Ariés, 1981, p. 152).

Philippe Ariés fez um extenso trabalho iconográfico em que percorreu a trajetória da família desde a Idade Média até os tempos modernos. O autor aponta o sentimento de infância como principal agente de transformação que



culminou para que o sentimento de família fosse despertado. Mas antes disso, durante a Idade Média o sentimento de família era desconhecido, o que apresentava valor à época era a linhagem que ia além dos laços de sangue, abrangendo a todos os descendentes de um mesmo ancestral, não importando se essas pessoas coabitavam e se tinham intimidade. E família se restringia ao grupo de pessoas que residiam juntos, às vezes mais de um casal com seus filhos que moravam na mesma residência. A intimidade tão característica da família moderna era desconhecida do mundo nessa época.

Como a Idade Média foi um período muito marcado por valores ligados à religião, era muito comum que as pessoas se dedicassem às vocações religiosas como forma de santificação. O casamento era, nas palavras de Ariés, uma questão de último caso, uma concessão à fraqueza da carne. Somente a partir dos finais do século XVI e início do XVII, que passou a ser admitido “a possibilidade de santificação fora da vocação religiosa, na prática dos deveres civis”. (p. 146)

Concomitante a esse movimento, a linhagem foi perdendo sua força devido à necessidade de divisão de patrimônio e para isso era interessante que o número de herdeiros fosse o mais restrito possível, a família vai ganhando seus contornos do que séculos depois é conhecido como família moderna. Esse processo é desencadeado a partir do século XIV.

Enquanto se enfraqueciam os laços da linhagem, a autoridade do marido dentro de casa tornava-se maior e a mulher e os filhos se submetiam a ela mais estritamente. Esse movimento duplo, na medida em que foi o produto inconsciente e espontâneo do costume, manifesta sem dúvida uma mudança nos hábitos e nas condições sociais. Passara-se portanto a atribuir à família o valor que outrora se atribuía à linhagem. Ela torna-se célula social, a base dos Estados, o fundamento do poder monárquico. (Ariés, 1981, p. 146).

Na Idade Média o pai tinha sobre os filhos e a esposa, segundo Badinter (1985), o direito de vida e de morte, direito de castigá-los à seu bel prazer, de até mesmo excluí-los da família. Com o advento do cristianismo essa relação sofre transformações, ao imprimir no filho interesses e considerar a mãe-esposa não uma escrava, mas, uma companheira. Com o preceito de “amar ao próximo como a si mesmo”, houve um freio ao autoritarismo do pais e instituiu-se o casamento como uma instituição divina.

Essas transformações foram lentas, e o poder paterno foi atenuando-se vagarosamente. Num primeiro momento, essas mudanças ficaram restritas às classes altas, e depois foram se estendendo às outras. Badinter (1985) afirma que aos poucos foi sendo instaurada a idéia de respeito entre os familiares, com a noção de barganha para que não fosse castigado por Deus ao fim da vida. Todas as famílias eram convidadas a considerar a Sagrada Família como seu modelo. A Igreja Católica corroborou para a sacralização da família. Cabendo aos filhos honrar pai e mãe para que tenham longa vida e aos pais, cuidar muito bem desses filhos e torná-los bons cristãos, já que são um “presente de Deus”. Com isso vai se desfazendo a idéia que se tinha à época de que filhos eram propriedades dos pais e por isso, podiam ter sobre eles o poder de vida e de morte.

Em conseqüência o primeiro direito suprimido foi o de morte, pois o pai não pode destruir o que foi criado por Deus. Desde os séculos XII e XIII, a Igreja condena vigorosamente o abandono dos filhos, o aborto e o infanticídio. Por sua vez, o Estado tomou medidas coercitivas. Mas ante o mal irreprimível e a miséria da maioria, compreendeu-se que seria melhor se adaptar à necessidade e tolerar o abandono, para limitar o infanticídio. Foi nesse espírito que se criaram, no século XVII, as primeiras casas de acolhimento de crianças abandonadas. (Badinter, 1985, p. 42-43)

Acompanhando as transformações na família, até se chegar ao modelo moderno, vale ressaltar as taxas de mortalidade das crianças que atingiam

números estratosféricos. Segundo Badinter (1985), uma criança em quatro não chegava ao primeiro ano de vida. O costume da época de entregar os filhos às amas de leite reforçava esses índices, pois, na sua grande maioria as amas não tinham condições financeiras, muitas abandonavam seus próprios filhos em troca de quantias inexpressivas para seu próprio sustento. Com isto, as crianças amamentadas pelas amas ficavam subnutridas e sem as condições mínimas de cuidado e higiene. Quando os pais iam buscar os filhos, se iam e se os encontravam vivos, os entregavam para os chamados preceptores, que eram os encarregados de cuidar da educação até os oito anos, ensinando a ler e a escrever.

A criança até o século XIX não ocupava um lugar diferenciado na sociedade. Entre os séculos XVI e XVIII não havia distinção entre bebê, criança e adolescente. Na vida cotidiana as crianças andavam misturadas aos adultos, não se fazia distinção nos cuidados a esses seres pequenos e ainda, um agravante, o número de mortes logo nos primeiros anos de vida era bem alto. Ariés (1981) argumenta que as pessoas pensavam que não se podiam apegar muito a algo que era considerado uma perda eventual.

Assim, embora as condições demográficas não tenham mudado muito do século XII ao XVII, embora a mortalidade infantil se tenha mantido num nível muito elevado, uma nova sensibilidade atribuiu a esses seres frágeis e ameaçados uma particularidade que antes ninguém se importava em reconhecer: foi como se a consciência comum só então descobrisse que a alma da criança também era imortal. É certo que essa importância dada à personalidade da criança se ligava a uma cristianização mais profunda dos costumes. (p. 25)

Com isso, as famílias passaram a se preocupar com a saúde de suas crianças, dando vacinas, tomando mais cuidado com os hábitos de higiene o que corroborou para um controle da natalidade e um convívio maior com esses pequenos seres.

Quando os filhos se encontravam na idade entre sete e nove anos, as famílias os colocavam na casa de outras famílias. De maneira a servirem a casa com serviços domésticos, ao mesmo tempo em que eram aprendizes. Era muito freqüente no século XVI que o serviço doméstico, que estava longe de ser visto como uma degradação se confundisse com a educação. A criança aprendia pela prática, não havia limites entre a vida profissional e a vida privada. A educação da criança era constituída de forma contínua, se transmitia a bagagem do conhecimento, a experiência prática e o valor humano que um homem daquela época pudesse possuir através da prática do serviço doméstico, ou no fato de servir a alguém.

Em suma, em toda parte onde se trabalhava, e também em toda parte onde se jogava ou brincava, mesmo nas tavernas mal-afamadas, as crianças se misturavam aos adultos. Dessa maneira elas aprendiam a viver, através do contato de cada dia. (Ariés, 1981, p. 158).

No entanto, a partir do século XV, uma revolução lenta, profunda e quase imperceptível começa a acontecer na realidade e nos sentimentos da família. É difícil, segundo Ariés (1981), reconhecer quando começou, porém seu fator essencial é a extensão da freqüência escolar. A partir de então, a educação das crianças não se dava mais em casa de outras famílias, mas na instituição escola. A essa mudança, correspondeu também, a uma preocupação dos pais em estar mais próximos dos filhos, em estar acompanhando de perto a educação deles.

Mas para que o sentimento de família chegasse à forma como ficou na Idade Moderna, uma importante associação foi feita, o despertar do sentimento de infância.

A substituição da aprendizagem pela escola exprime também uma aproximação da família e das crianças, do sentimento da família e do sentimento de infância, outrora separados. A família concentrou-se em torno

da criança. (...) O clima sentimental era agora completamente diferente, mais próximo do nosso, como se a família moderna tivesse nascido ao mesmo tempo que a escola, ou, ao menos, que o hábito geral de educar as crianças na escola. (Ariés, 1981, p. 159).

A proliferação das escolas foi se dando de forma gradativa e coincidiu com a vontade dos pais em não afastar-se dos filhos. Marcando uma mudança bem característica que seria a concentração da família em torno da criança, confundindo-se assim as relações cada vez mais sentimentais entre pais e filhos. Cabe ressaltar que essas transformações não se deram imediatas e nem tão pouco foram realizadas por todas as famílias. E ainda, as meninas só passaram a ter acesso à escola no final do século XVIII e início do XIX, antes disso continuavam como aprendizes em casa ou na casa de outras famílias conforme o costume da época.

As sobrevivências da antiga aprendizagem nas duas extremidades da escala social não impediram seu declínio: a escola venceu, através da amplificação dos efetivos, do aumento do número de unidades escolares e de sua autoridade moral. Nossa civilização moderna, de base escolar, foi então definitivamente estabelecida. O tempo a consolidaria, prolongando e estendendo a escolaridade. (Ariés, 1981, p. 160).

Haviam os manuais de civilidade que tratavam de uma educação mais rigorosa, como regras de moral comum, de costumes e de comportamento. Os conselhos neles contidos seriam hoje considerados, segundo Ariés (1981), moral de extrema banalidade, um conformismo social ou um bom senso grosseiro. Mas na época foi a forma encontrada para que as convenções sociais triviais, de se manter valores e mandamentos da vida em comum, pudessem ser preservadas. Esses manuais continham indicações de como um homem deveria tratar sua mulher, criados, amigos, como deveria se comportar à mesa, como deveria agradar e amar as pessoas que convivia e a esposa, enfim, ensinava-se como as pessoas deveriam se comportar em sociedade.

Esses manuais também exaltavam o amor materno, segundo Badinter (1985), no último terço do século XVIII, essas publicações pediam às mães que cuidassem de seus filhos pessoalmente, apresentando à mulher um papel até então não muito comum, o de mãe. Inicia-se uma exaltação do amor materno como um valor ao mesmo tempo natural e social, favorável à espécie e à sociedade, o que até então, era inédito.

Esse movimento ganhou força com a preocupação do Estado em diminuir os índices de mortalidade infantil, já que os cidadãos passaram a ser vistos como mão-de-obra para o crescimento e um extenso mercado consumidor. Para isso era preciso instaurar nas mães a vontade de cuidar de seus filhos.

Moralistas, administradores, médicos puseram-se em campo e expuseram seus argumentos mais sutis para persuadi-las a retornar a melhores sentimentos e a “dar novamente o seio”. Parte das mulheres foi sensível a essa nova exigência. Não porque obedecessem às motivações econômicas e sociais dos homens, mas porque um outro aos seus ouvidos, esboçava-se atrás desse primeiro. Era o discurso da felicidade e da igualdade que as atingia acima de tudo. Durante quase dois séculos, todos os ideólogos lhe prometeram mundos e fundos se assumissem suas tarefas maternas: “Sede boas mães, e sereis felizes e respeitadas. Tornai-vos indispensáveis na família, e obtereis o direito de cidadania”. (Badinter, 1985, p. 145-146).

Assim, a mulher passa a ocupar um lugar de importância na sociedade, passam a ter o reconhecimento de sua utilidade e especificidade. No entanto, essa transformação foi se dando aos poucos, não eram todas as mulheres que acatavam essas novas normas, e o Estado ainda fica um bom tempo combatendo essas dissidentes.

Outro fator que marcou as transformações que propiciaram o surgimento do sentimento de família ocorreu nas casas grandes a respeito da vida privada. Do século XV ao XVIII, em quase toda Europa Ocidental, Ariés (1981) afirma,

que viviam e freqüentavam as casas grandes inúmeros membros: a família, criados, auxiliares, clérigos, aprendizes, caixeiros, entre outros. Fazendo com que a casa grande desempenhasse uma função pública, funcionando como um ponto de encontro entre as pessoas. E dessa forma, a família não tinha uma vida privada, tal como conhecemos hoje, tudo era vivido em grupo, segundo Ariés (1981), a sociabilidade propiciada pelo ambiente que vivia não permitia que um homem ficasse só, por um instante sequer.

No entanto essa familiaridade começava a desaparecer, propunha-se aos familiares que se reservassem frente aos criados. Porém esse foi um processo lento e gradual, inicialmente restrito às famílias mais abastadas e só mais para frente em meados do século XIX que alcançou as outras famílias.

As casas desses homens abastados tornaram-se centros de vida social, em torno das quais gravitava todo um pequeno mundo complexo e numeroso. “Esse equilíbrio entre a família e a sociedade não iria resistir à evolução dos costumes, e aos novos progressos da intimidade do século XVIII, a família começou a manter a sociedade à distância, a confiná-la a um espaço limitado, aquém de uma zona cada vez mais extensa de vida particular. A organização da casa passou a corresponder a essa nova preocupação de defesa contra o mundo. (...) Agora, separava-se melhor a vida mundana, a vida profissional e a vida privada: a cada uma era determinada um local apropriado como o quarto, o gabinete ou o salão. (Ariés, 1981, p. 184-185).

Os elementos que Ariés (1981) considera como os que marcaram primordialmente a evolução da família medieval para a família moderna foi, então, o lugar ocupado pela criança, a arquitetura das casas, a higiene pessoal e a preocupação com a saúde. Com essa preocupação, diminuiu o índice de mortalidade das crianças diminuiu, passando a constituir um sentimento de que aquela criança nascida naquela família era insubstituível e conseqüentemente, sua perda, algo irreparável. As mães passaram a encontrar ao lado dos filhos a

alegria e um dos sentidos da vida. Esse conjunto de fatores ajudaram a corroborar à constituição do moderno sentimento de família.

No século XVIII, quando não era objeto de distração, a criança era o instrumento de uma especulação matrimonial e profissional, destinada a promover um avanço da família na sociedade. Em Martange, essa preocupação passa para segundo plano: sua preocupação com a educação parece muito mais desinteressada. As crianças tal como são e a família tal como é, com suas dores e alegrias quotidianas, emergiram de uma rotina elementar pra atingir as zonas mais luminosas da consciência. Esse grupo de pais e filhos, felizes com sua solidão, estranhos ao resto da sociedade, não é mais a família do século XVII, aberta para o mundo invasor dos amigos, clientes e servidores: é a família moderna. (Ariés, 1981, p. 188).

Essas transformações alcançaram também os casamentos. O matrimônio foi durante séculos considerado um contrato, seja para interesses políticos, econômicos, ascensões ou descendência sociais, sendo isentos do sentimento de amor. Até a metade do século XVIII, Badinter (1985) afirma que, o amor não era considerado um valor familiar e social, isto não quer dizer que não existia, mas não ocupava um lugar, nem tinha a importância que tem mais modernamente.

A partir da segunda metade do século XVIII, mudanças a respeito do casamento por amor foram acontecendo. As esposas passaram, lentamente, a ocupar o lugar de companheiras e o casamento o lugar privilegiado da felicidade, da alegria e da ternura. Essa nova família passa a ser considerada “uma unidade sentimental” ou “um ninho afetivo” que engloba marido, esposa e filhos. É o nascimento da moderna família nuclear que constrói pouco a pouco o muro de sua vida privada para se proteger contra toda intrusão possível da grande sociedade” (Badinter, 1985, p. 179).

Com a prática de casamento arranjado sendo deixada de lado em nome do amor e de um novo conceito de família como refúgio frente ao mundo que começava a se delinear da competitividade e da brutalidade, a promessa era a



de que essa moderna família encontrasse alívio, felicidade e ternura. A nova concepção de infância exigia dos pais, mas principalmente das mães, um período intenso, longo e afetivo de formação. Segundo Christopher Lasch (1991), a criação dos filhos se converteu em algo mais exigente e os laços entre pais e filhos se intensificaram, sendo uma fonte de tensão na família, dada à sobrecarga emocional na relação entre pais e filhos.

Mães e pais passam a ser os representantes do amor e da disciplina. Esse recuo da família deu a ela o lugar de principal agente socializador, a partir do século XIX. É na família onde vão ser passados para a criança que acaba de nascer os valores, as formas de comportamento, as regras sociais a serem seguidas, desenvolvendo uma predisposição inconsciente para agir de determinada maneira e recriar mais tarde, segundo Lasch (1991), em suas relações com seres queridos e autoridades, suas primeiras experiências. “A socialização faz com que o indivíduo queira fazer o que deve fazer e a família é o agente ao qual a sociedade confia essa tarefa complexa e delicada” (p. 26).

Portanto, os primeiros contatos sociais que a criança tem na família, tornam-se suas primeiras experiências com o mundo, os outros e a si própria e começarão a fazer parte de sua subjetividade ao atribuir a essas experiências significados e conceitos. Essas primeiras experiências irão se desdobrar no desenvolvimento de recursos internos que visam adequar os impulsos primitivos do eu à realidade e aos padrões sociais e morais aprendidos com os pais.

As famílias modernas passam a conviver com um elemento até então inédito. Com os casamentos sendo feitos levando-se em conta a vida sexual e o amor de um casal, há segundo Roudinesco (2003) uma lógica afetiva que

emerge e se impõe ao final do século XVIII e meados do século XIX. Assim, com esse novo elemento propicia-se a emergência do sujeito com suas experiências subjetivas ora sofridas, ora repletas de emoções que muitas vezes ele se quer consegue nominar.

A família moderna convive com um pai que segundo Roudinesco (2003), é a encarnação familiar de Deus e tem sob a família o poder de definir seu destino. O pai tem nas considerações da autora, duas funções: a da nomeação e transmissão do sangue já que parte do seu corpo o que irá dar a formação da vida do novo indivíduo e, a vocação discursiva onde o pai é quem delinea a lei.

Da família moderna nasce o sujeito contemporâneo. A compreensão dos processos subjetivos e das articulações com a cultura que levam o sujeito a existir recoloca em debate as demandas subjetivas do sujeito que o permitem estar em sociedade dada à supressão de sua natureza mais primitiva, bem como as transformações históricas que evidenciam mudanças significativas nas mediações e configurações da autoridade nesse processo de transformação do sujeito e da história.

Tendo posto que a família se converteu no principal agente socializador é neste núcleo que a subjetividade do sujeito será constituída. Faz-se relevante a investigação dos processos envolvidos nessa construção que levará a criança a tornar-se sujeito, tendo como principal investigação o papel da função paterna nesse processo.

## Capítulo 2

### A função paterna para a Psicanálise

Freud ao longo de sua obra desvenda os desenvolvimentos percorridos pelos indivíduos até que se tornem civilizados. Nesse processo, há a repressão sexual que, ao ser executada, possibilita a estruturação psíquica do sujeito. Esse processo acontece primeiro na família, e Freud analisa desde a relação edípica, sua repressão e vida além do Édipo.

Freud, em *Psicologia de Grupo e Análise do Ego* (1921/1996, p. 82), já apontava que o indivíduo é “parte componente de numerosos grupos, ligados por vínculos de identificação em muitos sentidos e constrói seu ideal de ego segundo os modelos mais variados. Cada indivíduo, portanto, partilha de numerosas mentes grupais”. Nesse sentido, a constituição da subjetividade ocorre na relação entre a natureza e a cultura, objetivada nos sentidos pelos quais se processa a relação indivíduo-civilização.

Na internalização da cultura, bem como na sua ação sobre ela é que o sujeito desenvolve sua humanidade. Para constituírem-se enquanto homens passam a apropriar-se da realidade, a compartilhar os símbolos culturais para entender o mundo à sua volta e serem compreendidos. E, para tanto, relacionam-se com as instituições sociais num movimento ao constituírem e se deixarem constituir pela família, grupos escolares, esportivos, Estado, entre outros dispostos em nossa cultura.

Segundo Freud (1930(1929)/1996), para o indivíduo viver em civilização é preciso que haja uma repressão das pulsões, que cada indivíduo renuncie a

uma parte de seus desejos em nome do convívio social. A pulsão emerge no indivíduo tão logo nasce e se situa entre o somático e o psíquico. Ela se constitui como uma força que nasce no corpo e faz exigência para o psíquico. Freud, em 1905, localiza o início da sexualidade humana na nutrição, mas aponta que isso imediatamente se estende. A pulsão torna-se uma força constante, que não tem objeto definido, pois é errância. Nasce no corpo e move o sujeito para que tente satisfazê-la. Ao satisfazer-se, o sujeito tende a acabar com o desprazer que se instaura com a pulsão. Mas, imediatamente, por ser uma força constante, ela se repõe.

As primeiras marcas que constituirão a subjetividade humana ocorrem quando o bebê é alimentado, pois, junto com o leite, vai também para ele o olhar, o acariciar, a voz da mãe, elementos que constituirão as primeiras marcas mnêmicas. Toda vez que o sujeito tem um incômodo, ele procura reinvestir essa primeira marca, experiência em que o outro é imprescindível, pois é quem traduz para o bebê o que ele quer. Assim, a pulsão emerge e requer apaziguamento. E é nesse caminho de aplacar o mal-estar, de encontrar algum objeto no qual possa se satisfazer parcialmente, que a pulsão irá se inscrever no psiquismo.

Dessa forma, Freud (1905/1996) postula que a pulsão no início da vida humana é autoerótica e que após a puberdade ela encontra seu objeto sexual. É a forma como cada um passa por esse processo que determinará sua subjetividade.

No início da vida, os lábios funcionam como zona erógena<sup>1</sup>, pois as primeiras experiências do bebê se constituem em torno do mamar. Então, as primeiras satisfações sexuais da zona erógena têm a ver com a necessidade de alimento, ou seja, servem à preservação da vida, e só mais tarde tornam-se independentes dela.

No chuchar ou sugar com leite já podemos observar as três características essenciais de uma manifestação sexual infantil. Esta nasce apoiando-se numa das funções somáticas vitais, ainda não conhece nenhum objeto sexual, sendo auto-erótica, e seu alvo sexual acha-se sob o domínio de uma zona erógena. Antecipemos que essas características são válidas também para a maioria das outras atividades das pulsões sexuais infantis. (Freud, 1905/1996, p. 172)

Até que chegue ao alvo da maturidade sexual, o indivíduo passa por fases de desenvolvimento da organização sexual, denominadas pré-genitais. A primeira delas se refere à zona oral, quando a atividade sexual se ocupa da nutrição e o alvo sexual consiste na incorporação do objeto. A segunda é a organização sádico-anal, estágio em que os opostos da vida sexual circulam em ativo e passivo. A atividade é produzida pela pulsão de dominação, por meio da musculatura do corpo, e o alvo sexual é a mucosa erógena do intestino, pois a retenção e posterior evacuação são fontes de prazer.

A concentração da zona erógena nos genitais ocorre em dois momentos: as primeiras relações estão ligadas à micção e à lavagem, advindas com o cuidado e a higiene da criança. A excitação dessa zona, que faz parte dos órgãos sexuais propriamente ditos, são fundamentais no desenvolvimento da vida sexual futura. Num segundo momento, os genitais se concentram como órgãos responsáveis pela reprodução, e o prazer advém de todas as pulsões

---

<sup>1</sup> Freud (1905/1996, p. 172) conceitua zona erógena como “[...] uma parte da pele ou a mucosa em que certos tipos de estimulação provocam uma sensação prazerosa de determinada qualidade.”

parciais, antigas conhecidas da infância, que se encadeiam e focam na subordinação à zona genital.

Freud (1905/1996) considera a criança um perverso polimorfo e afirma que ela traz em si as disposições para que se desenvolva qualquer tipo de transgressão. Tudo dependerá, contudo, de como as situações ocorrerão e do *quantum* de intensidade dessas experiências.

Como quem está próximo à criança durante todos esses momentos são os pais, engendra-se daí o momento seguinte desse processo: o complexo de Édipo. É em Édipo que a criança vive mais intensamente o amor pelos pais. Para que o sujeito chegue a abrir mão do amor pelo pai ou mãe é necessário que ele viva o complexo de Édipo, que é apontado por Freud (1905/1996, p. 214) como o “complexo nuclear das neuroses. No Édipo culmina a sexualidade infantil, que, por seus efeitos posteriores, influencia de maneira decisiva a sexualidade do adulto.”

No complexo de Édipo, os filhos constroem relações de amor e ódio com os pais, que irão, segundo Nasio (2007), constituir o desejo sexual. A criança edipiana deseja sexualmente seus pais, fantasia-os como seus objetos de desejo. Porém, esse desejo e esse prazer assustam a criança, que vê sua relação com os pais também como perigosa. Mas que perigo é esse pressentido pela criança? Nasio (2007, p. 10-11) responde:

O perigo de ver seu corpo desgovernar-se sob o ardor de seus impulsos; o perigo de ser punida pela Lei do interdito do incesto, por ter tomado os pais como parceiros sexuais. Excitada pelo desejo, feliz com suas fantasias mas igualmente angustiada, a criança sente-se perdida e completamente desamparada. A crise edipiana é um insuportável conflito entre o prazer erótico e o medo, entre a exaltação de desejar e o medo de se consumir nas chamas do desejo.

O complexo de Édipo tem início na relação simbiótica e narcísica da criança com a mãe. O pai aparece como agente de castração, representante das exigências da sociedade e da cultura; é ele que irá fazer a separação mãe e bebê. Segundo Freud (1913[1912-13]/1996), o complexo de Édipo marca dois desejos recalçados: o desejo de matar o pai e o desejo de incesto. É justamente por marcar o interdito desses desejos, que o complexo torna-se universal, pois possibilita a vida em sociedade.

Concomitante ao Édipo está a fase fálica, na qual há a primazia dos órgãos genitais. Para ambos os sexos, segundo Freud (1923a/1996), a primazia circunda o falo. O menino, por encontrar nessa parte do corpo uma fonte inesgotável de excitação, presume que todas as criaturas possuem um órgão genital como o seu. Quando percebe que nem todos o possuem, instaura a ameaça de castração e, com medo de o pai castrá-lo caso invista seu amor pela mãe, o menino volta as costas ao complexo de Édipo e passa a ter de escolher outros objetos para investir seu desejo (Freud, 1924/1996).

A menina, ao constatar, na comparação com seus companheiros, que “se saiu mal”, como afirma Freud (1924/1996), se sente inferior e acha que já teve o falo mas o perdeu, fora castrada. Então se inicia uma duplicidade: toda mãe é, para a filha, um ideal e uma rival. A partir daí culmina a primeira identificação da filha com o desejo da mãe, que é o de ser a mulher do homem amado e dar-lhe um filho (Nasio, 2007). Para sair do Édipo, a menina, com medo da perda do amor da mãe, dessexualiza o pai e sai em busca de um homem para amar e dar-lhe um filho.

Com a dissolução do Édipo e a conseqüente dessexualização dos pais, o sujeito passa a desejar outra coisa que não seus genitores (Nasio, 2007).

Assim, o complexo de castração é, para Freud, o dispositivo que explica as razões da sujeição do sujeito à lei do pai.

Para Nasio (2007), no Édipo a criança faz o pai representar diferentes papéis nas fantasias edípicas. Num primeiro momento, o pai é a figura abstrata da Lei que impede que o caos se instaure caso o incesto fosse cometido. Este é representado, segundo Nasio (2007) pela linguagem humana e é chamado de *pai simbólico*. A criança ignora essa lei e seduz a mãe se oferecendo como seu Falo. Num segundo momento, o *pai é o real*, “agente separador que dissocia mãe e filho ao proibir a um de considerar o outro como objeto de seu desejo” (p. 122). E, por fim, no terceiro momento, a criança é obrigada a se deparar com o pai separador e frustrador. Esse pai se apresenta para ela, segundo o autor, como o todo-poderoso o que a faz odiá-lo pois tens aí um rival e inveja-o, pois o pai se apresenta como o detentor do Falo e o possuidor da mãe, de todas as mulheres e do poder. Esse pai respeitado, odiado e invejado é o *pai imaginário*. É desse que a criança pedirá em vão, nas palavras de Nasio (2007), o Falo. Como o pai se recusa a dá-lo segue a identificação do filho com o pai, na identificação se encontra a síntese das três figuras paternas: simbólica, real e imaginária. Como a criança não pode ter o objeto irá identificar-se com o detentor dele.

Em suma, a travessia do Édipo pode ser lida como o encontro de uma criança com as três figuras do pai – simbólico, real e imaginário: um pai que representa a Lei, outro que a faz ser respeitada e, finalmente, aquele, invejado e contestado, que detém o Poder. Eis as três figuras paternas introjetadas que, conjugadas, formarão o supereu do menino. (Nasio, 2007, p. 122-123).

O período de latência retém o objeto escolhido na infância e, apesar de o alvo sexual ter características infantis, é ele que marcará a posterior escolha sexual na puberdade. A fase da puberdade é marcada por profundas



mudanças, que desencadearão a vida sexual infantil em sua configuração definitiva. É nessa fase que a pulsão, que até então era autoerótica, encontra o objeto sexual. “Agora, porém, surge um novo alvo sexual, para cuja consecução todas as pulsões parciais se conjugam, enquanto as zonas erógenas subordinam-se ao primado da zona genital” (Freud, 1905/1996, p. 196).

Durante todo o período de latência, a criança aprende a amar outras pessoas que passam a fazer parte do seu convívio, pessoas que a ajudam a dar conta do desamparo e a satisfazer suas necessidades. (Freud, 1905/1996). Essa relação estabelecida com a pessoa que cuida da criança é fonte de excitação advinda dos cuidados e do afeto com que é tratada. Freud ressalta que a pulsão sexual não é despertada apenas pela excitação da zona genital, pois são também ativadas nos cuidados que a mãe ou responsável tem com a criança.

Quando ensina seu filho a amar, está apenas cumprindo sua tarefa; afinal, ele deve transformar-se num ser humano capaz, dotado de uma vigorosa necessidade sexual, e que possa realizar em sua vida tudo aquilo a que os seres humanos são impelidos pela pulsão. É verdade que o excesso de ternura por parte dos pais torna-se pernicioso, na medida em que acelera a maturidade sexual e também, “mimando” a criança, torna-a incapaz de renunciar temporariamente ao amor em épocas posteriores da vida, ou de se contentar com menor dose dele. Um dos melhores prenúncios de neurose posterior é quando a criança se mostra insaciável em sua demanda de ternura dos pais; por outro lado, são justamente os pais neuropáticos, que em geral tendem a exibir uma ternura desmedida, os que mais contribuem, com suas carícias, para despertar a disposição da criança para o adoecimento neurótico. Deduz-se desse exemplo, aliás, que os pais neuróticos têm caminhos mais diretos que o da herança para transferir sua perturbação para seus filhos. (Freud, 1905/1996, p. 211)

Assim, a forma de amar que aprende na relação com seus pais irá orientar a escolha do objeto sexual do sujeito. Após esse momento, há a constituição do superego. Este é, na análise de Freud (1923b/1996), o herdeiro

do Édipo. Segundo o autor, o resultado da dissolução da fase sexual dominada pelo complexo de Édipo é a formação de um precipitado no ego, que irá se confrontar com outros conteúdos. Assim, o superego surge como uma formação reativa às escolhas objetais do id, reprimindo o complexo de Édipo.

O superego retém o caráter do pai, enquanto que quanto mais poderoso o complexo de Édipo e mais rapidamente sucumbir à repressão (sob a influência da autoridade do ensino religioso, da educação escolar e da leitura), mais severa será posteriormente a dominação do superego sobre o ego, sob a forma de consciência (*conscience*) ou, talvez, de um sentimento inconsciente de culpa. (Freud, 1923b/1996, p. 47)

O superego é, então, o resultado do desamparo e dependência da infância, que ao final do complexo de Édipo interrompe o desenvolvimento libidinal e após a latência inicia com o desenvolvimento da vida sexual adulta. Assim, segundo Freud (1923b/1996), o ego domina o complexo de Édipo gerando o superego, ao mesmo tempo em que se sujeita ao id. Os conflitos entre ego e superego, entendendo que o ego torna-se o representante do mundo externo, ou seja, da realidade, e superego como representante do mundo interno irão refletir o que aparecerá como contraste entre o que é real e o que é psíquico.

O superego protege o ego não só do que é mau, pelo contrário, protege também de algo que pode ser extremamente desejável e prazeroso ao ego e o sujeito se submete a isso devido ao desamparo e à dependência ao amor das pessoas que convive, pelo medo da perda desse amor. A instauração do superego permite, assim, a vida em civilização.

Uma grande mudança só se realiza quando a autoridade é internalizada através do estabelecimento de um superego. Os fenômenos da consciência atingem então um estágio mais elevado. Na realidade então devemos falar de consciência ou de sentimento de culpa. Nesse ponto, também, o medo de ser descoberto se extingue; além disso, a distinção entre fazer algo mau e desejar fazê-lo desaparece inteiramente, já que nada pode ser escondido do superego, sequer os pensamentos. (...) O superego atormenta o ego pecador com o

mesmo sentimento de ansiedade e fica à espera de oportunidades para fazê-lo ser punido pelo mundo externo. (Freud, 1930 (1929)/1996, p. 129).

O superego constitui-se, segundo Laplanche e Pontalis (1967) por interiorização das exigências e das interdições parentais. O conceito de superego engloba as funções de interdição e de ideal e segundo os autores a instância surge encarnando uma lei e proibindo a sua transgressão.

Roudinesco e Plon (1998) apontam para dois momentos na constituição do superego. No primeiro o superego é representado pela autoridade parental que dá ritmo à evolução infantil, pois alterna as provas de amor com as de punições que são causadoras de angústia. No segundo momento, que acontece após a dissolução do Édipo, as proibições são internalizadas. E é neste momento, segundo os autores que o superego exerce a substituição da instância parental por intermédio de uma identificação. “O relacionamento entre o superego e o ego constitui um retorno, deformado por um desejo, dos relacionamentos reais existentes entre o ego, ainda individualizado, e um objeto externo” Freud (1930 (1929)/1996, p. 133). O superego passa então a ser o herdeiro da instância parental e do Édipo.

E ainda, Roudinesco e Plon (1998) ressaltam que o superego do sujeito é constituído pelos superegos dos pais do sujeito. “A transmissão dos valores e das tradições perpetua-se, dessa maneira, por intermédio dos superegos, de uma geração para outra” (p. 745). É esta instância que possibilita a vida em civilização. Pois ao ser o cerceador do ego, impele o sujeito a renunciar os desejos mais primitivos para que possa relacionar-se com os outros.

No entanto, esta renúncia não é desprezível, provoca no sujeito angústia e um sentimento que segundo Freud (1930 (1929)), também é um

importante possibilitador da vida em civilização, que é o sentimento de culpa. Sentimento este que constituirá a consciência, “pois toda renúncia ao instinto torna-se agora uma fonte dinâmica de consciência, e cada nova renúncia aumenta a severidade e a intolerância desta última” (p. 132). Assim, a consciência é o resultado da renúncia, e à medida que essa consciência se constitui exige cada vez mais renúncias.

A respeito da possibilidade de vida em civilização Freud (1913[1912-13]/1996), aponta para a renúncia como a viabilizadora da vida em sociedade. Ao trazer o mito do pai totêmico, Freud retoma a História ontogenética.

Quando os filhos se unem e matam o pai há o surgimento de sentimentos ambivalentes. Ao mesmo tempo em que tentam edificar essa figura que todos os membros do clã amavam e queriam ser igual, surge o arrependimento e a culpa. Concomitante a isto os desejos sexuais pelas mulheres do clã se intensificam, sendo necessário a instauração da proibição do incesto, senão geraria uma matança sem fim na disputa pelo poder do clã e pelas mulheres.

Ao instituir a proibição o clã nutre uma dívida ao pai fazendo-o se tornar mais forte morto do que o fora vivo, segundo Freud (1913[1912-13]/1996). Houve um desenvolvimento da corrente afetiva dos sentimentos para com o pai, mas os impulsos que levaram ao parricídio permanecem. Concomitante a esse fato desenvolvem-se os sentimentos fraternais chegando num processo de santificação dos laços de sangue e numa exaltação da solidariedade dentro do próprio clã. Dessa forma garantem a manutenção da vida uns dos outros na medida em que evitam a repetição do acontecimento que ocasionou a morte do pai. Na esteira desses acordos, Freud em *Totem e Tabu* (1913 (1912-

13)/1996), aponta para a origem do "*Não matarás*", pois o que se restringia ao pai se estende aos irmãos no contrato social estabelecido por eles próprios. E com isso, possibilitando a vida em civilização.

Trazendo o mito para a contemporaneidade, Birman (2003), se apóia no discurso freudiano para analisar a construção da civilização moderna na passagem da natureza para a cultura. Segundo o autor, essa passagem gera um mal-estar característico da civilização. A morte do pai é tomada por Freud como equivalente à morte de Deus resultando em desencantamento do mundo. Como o mal-estar é inerente à civilidade, Birman(2003) aponta, apoiado em Freud, para o discurso científico como único mediador desse desamparo, cabendo a cada sujeito "gerir o mal-estar provocado pela inexistência de soberania, por meio da trabalhosa tessitura de laços sociais" (p. 22-23).

Freud (1930 (1929)/1996), considera o indivíduo como inimigo da civilização pois ele prefere o eterno prazer e para isso busca a satisfação constante de seus desejos. Como para viver em civilização essa busca por satisfação tem que ser recalcada, os sujeitos passam a viver sob o imperativo do conflito entre princípio de prazer e princípio de realidade o que desencadeará os sintomas e as fantasias. Estes por sua vez poderão promover a paralisação frente ao mal-estar ou o desenvolvimento humano e conseqüentemente da civilização.

Isto que barra o indivíduo, que o interdita é a função paterna que ao ser exercida possibilita, segundo Monteiro (2001), a emergência do desejo, que por sua vez funda o sujeito. Destarte, a função paterna determina no sujeito as suas ações e reações e dita o modelo de como viver a própria vida. Ao

interditar, impõe a lei, ou seja, segundo a autora a função paterna é quem introjeta a cultura no indivíduo.

Dessa forma, pode-se entender como função paterna aquela que irá fazer a amarração entre superego e emergência do sujeito. Ou como diz Monteiro (2001) a função paterna introduz um terceiro que desestabiliza um idílio dual, engendrando a falta, o desejo e um sujeito, onde antes havia a completude total e um objeto.

A função paterna não é um ato ou um papel atrelado ao desempenho de um indivíduo biologicamente macho. Também não é um acontecimento limitado ao tempo e às vicissitudes da família nuclear. Ainda que se realize na relação triangular mãe – filho – pai, a função paterna já se delineia nos binômios mãe – pai e mãe – filho, É um processo dinâmico que antecede e acompanha o sujeito por ela estruturado. A construção e a emergência da função paterna, seja ela competente, ou não, ocorrem ao emaranhado das tramas do romance familiar que contribui com os elementos que povoam o imaginário e o simbólico de cada sujeito. (Monteiro, 2001, p. 2)

Esta é a função quem introduz ao sujeito à interdição Assim, a concepção de função paterna diz respeito à ser a função responsável pela lei, na medida em que o pai, no Édipo, ao se colocar como obstáculo aos desejos edipianos, faz com que o sujeito saia em busca de outros objetos. Objetos estes que sempre terão a marca dos objetos edipianos. Neste sentido, corresponde à lei que Freud assinala como interdição que deve moldar a estrutura do sujeito para a vida além do Édipo.

Assim, a construção da subjetividade só se torna possível após a referência ao pai que ao introduzir a interdição possibilita o reconhecimento de que cada sujeito é uma singularidade e que o outro por ser outra singularidade é diferente e por isso a sua aceitação enquanto tal é imprescindível para a vida em civilização.

Jacques Lacan(1987), considera a família como tendo um papel primordial na transmissão da cultura, é nessa instituição onde há os primeiros momentos de educação, na repressão dos instintos e na constituição da linguagem. Segundo Lacan (1987), é na família onde acontecem os processos fundamentais do desenvolvimento psíquico e emocional. As relações familiares estão repletas de estruturas de comportamento e de representações simbólicas que vão além do consciente.

O complexo de Édipo define mais particularmente, segundo Lacan (1987), as relações psíquicas na família humana. Para o autor, Freud descobriu que no psiquismo do sujeito ocorrem desenvolvimentos importantes como o da repressão sexual e do sexo psíquico, no entanto, estes estão submetidos à regulação e aos acidentes de um drama psíquico da família. Mais ainda, Lacan (1987) salienta que Freud dá um caráter universal para as interdições feitas pela família ao sujeito que são o que possibilita a inserção desse na sociedade. Para Lacan (1987) a importância do complexo de Édipo consiste em possibilitar objetivamente o esclarecimento da estrutura psicológica da família.

Lacan (1987) considera o apogeu das pulsões sexuais na criança aos quatro anos de idade. A criança deseja o objeto mais próximo que se interessa e cuida dela. A base do complexo de Édipo está nas pulsões pelo progenitor do sexo oposto, e segundo o autor, a frustração da não realização do desejo consiste no nó do complexo. O progenitor do mesmo sexo que também despende cuidados e interesse à criança designa obstáculos à satisfação das pulsões.

O recalque necessário da pulsão frustra a criança que “adquire uma certa intuição da situação que lhe é interdita tanto pelos sinais descritos e

difusos que atraíam à sua sensibilidade as relações parentais como pelos casos intempestivos que se lhes desvelam.” (Lacan, 1987, p. 46)

Há uma tensão sentida com toda esta situação que passa por um período de recalque no campo do interesse sexual pelo progenitor, o que possibilitará que a criança passe a se interessar por outros assuntos até a puberdade. A imagem parental ficará segundo Lacan (1987) na consciência como ideal representativo que orientará nas escolhas futuras dos parceiros que levará ao fim o complexo de Édipo.

Para Lacan o personagem principal do complexo de Édipo é o pai. Lacan compreende o pai como uma metáfora, é um significante que substitui outro significante. O significante pai substitui o significante “desejo da mãe”. O pai significa o desejo da mãe. Nas palavras de Lacan citado por Nasio (2007, p. 139-140):

Que é o pai? Não digo na família. ... A questão toda é saber o que ele é no complexo de Édipo. ... é isto: o pai é uma metáfora... O pai é um significante que substitui um outro significante. Nisso está o pilar, o pilar essencial, o pilar único da intervenção do pai no complexo de Édipo. A função do pai no complexo de Édipo é ser um significante que substitui o primeiro significante introduzido na simbolização, o significante materno. Segundo a fórmula... da metáfora, o pai vem no lugar da mãe.

Quando a criança percebe que não é o Falo da mãe e descobre que o objeto de desejo da mãe é o pai, a criança passa a considerar o pai como o detentor do Falo e então, volta-se para ele. Neste sentido, o pai introduz, segundo Lacan citado por Nasio (2007), a relação simbólica.

Joël Dor (1991) postula que a função paterna se trata de uma entidade simbólica, intermediada pela linguagem, que ordena uma função. Ele considera o pai simbólico como universal e, por isto, há a sua necessidade: “nós não



podemos deixar de ser tocados pela incidência de sua função, que estrutura nosso ordenamento psíquico na qualidade de sujeitos” (p. 14).

O pai exercerá sua função de autoridade na relação mãe e filho apresentando-se como um terceiro. No entanto, Dor (1991) acrescenta, nenhum pai é detentor nem fundador da função simbólica que ele representa. Ele é nas palavras do autor, seu vetor. Quanto à qualidade do pai, Dor (1991) diz que não se trata de questionar as virtudes do pai, mas sim,

(...) distinguir a soberania da função paterna que habitualmente decorre da apelação genérica de Pai simbólico, da sua existência concreta e histórica de ser encarnado enquanto Pai real. Em segundo lugar, é comum levar em consideração o Pai imaginário, entidade fantasística, se é que existe, sem a qual nenhum Pai real poderia receber a investidura de Pai simbólico. Toda a transcendência do Pai simbólico só resulta de um simbolismo legalista. De fato, a instância do Pai simbólico é antes de mais nada a referência à Lei da proibição do incesto, a qual é, portanto, prevalente sobre todas as regras concretas que legalizam as relações e trocas entre os sujeitos de uma mesma comunidade. Em conseqüência, é porque o Pai simbólico é apenas o depositário legal de uma lei que lhe vem de outro lugar, que nenhum Pai real pode se vangloriar de ser seu detentor ou fundador. Mas, em compensação, recai sobre ele o ter que se fazer valer de ser seu representante. (p. 16)

Assim para que a lei se efetive no simbólico deverá acontecer no imaginário de cada sujeito uma negociação entre os três personagens do Édipo, e ainda, os três deverão estar, segundo Dor (1991), referidos ao desejo do falo.

Com a inserção do falo na relação como o elemento unificador, é que se constrói os outros elementos da tríade edípica. O falo seria, então, na concepção de Dor (1991) “o centro de gravidade da função paterna que vai permitir a um Pai real chegar a assumir a sua representação simbólica” (p. 18). Cabendo ao fato da referência ao falo ser o que regula a economia do desejo e da articulação entre mãe e o filho.

Seguindo Dor (1991), a função paterna por ser simbólica prescinde de um Pai real. Mas a função paterna é imprescindível para a estruturação do psiquismo. A função estrutura um conjunto de elementos governados por leis internas que estão remetidos à função fálica.

Num tal sistema, basta que um único elemento que se mova para que a lógica reguladora do conjunto de todos os outros também se modifique. Como a lógica dessas diferentes regulações constitui precisamente a expressão da função paterna, compreende-se que ela possa permanecer na ausência de todo Pai real. (Dor, 1991, p. 19).

A existência de um terceiro mediador do desejo da mãe e do filho é imprescindível para que a função interceda como legalizadora e estruturante. A função paterna depende deste lugar de terceiro, submetida à lógica simbólica. Nesse sentido, para Dor (1991), a dimensão simbólica do Pai transcende em muito a contingência do homem real. Ser Pai é estar referido à função simbólica que tem como base de sustentação o objeto falo. Assim, todo terceiro que estiver mediatizando os desejos da mãe e do filho, vai cumprir com a função paterna, com o interdito.

Ser o objeto que exerce a função fálica é estar no lugar de terceiro, ou seja, é ser o objeto fálico que simboliza o objeto representante da falta que é desejado pela mãe. O movimento de edificação do Pai real em Pai simbólico constitui o processo edipiano, além de ser fundamentalmente, o movimento que caracterizará os processos psíquicos dele decorrentes e que culminará com a formação da estrutura psíquica da criança.

Para que a função paterna seja exercida no processo edipiano, Dor (1991) elenca quatro fundamentos que Lacan já havia citado. São eles: o primeiro é o fato que a noção de função paterna instaura e regula o conflito do complexo de Édipo. O segundo é que no desenvolvimento do processo

edipiano é necessária a instância simbólica da função paterna, sem necessariamente, ser preciso existir um Pai real. O terceiro, o fato de a função paterna ser inconsistente simbolicamente, nada tem haver com a carência desse pai em sua dimensão realista. E, por último, a instância paterna inerente ao complexo de Édipo é exclusivamente simbólica e, por isso é uma metáfora.

Para Lacan, assim como para Freud, o superego é o herdeiro do Édipo. Esta instância é considerada uma figura da lei introjetada no inconsciente do sujeito que estará ordenando as escolhas, segundo Nasio (2007), decisivas e cotidianas da existência.

O fim do complexo de Édipo é correlativo da instauração da lei como recalçada no inconsciente, mas permanente. ... A lei ... é baseada no real, sob forma desse núcleo deixado atrás de si pelo complexo de Édipo, ... [núcleo] que sabemos se encarnar em cada sujeito sob as formas mais diversas, mais extravagantes, mais caricatas – que se chama superego. (Lacan, 1956 (1957) / 1995, p. 216, citado por Nasio 2007, p. 142)

Na concepção lacaniana com a inclusão do elemento Nome-do-Pai no complexo de Édipo, há a inclusão de elementos que contribuem para uma melhor análise da constituição do psiquismo. Em primeiro lugar será necessário, segundo Lebrun (2004) que estabeleça a experiência da linguagem e via esta o pai deverá presentificar-se na subjetividade do sujeito.

Lebrun (2004) define pai como o primeiro estranho, o estranho mais familiar. Ele é o Outro diferente da mãe. A mãe é o Outro do qual a criança irá se diferenciar para tornar-se sujeito e nesse percurso é que o pai aparece para fazer contra-peso.

A este processo convencionou-se chamar de complexo de Édipo, o qual exerce um papel fundamental na estruturação da personalidade do sujeito. Neste complexo, operam sentimentos amorosos e hostis da criança para com

seus pais e em seu desenvolvimento desencadeará a formação das identificações que servirão de base para identificações futuras.

A realidade psíquica do sujeito se organiza a partir da confrontação desta base familiar. É o Outro como lugar da linguagem que é presentificado pela mãe e é no interior da linguagem que deverá operar a introdução e sustentação do desejo singular do sujeito.

A mãe ocupa o lugar do primeiro representante do Outro para a criança. Para Freud a castração materna institui a presentificação da falta. Cabe ao pai deter o possível engolfamento ao mesmo tempo em que possibilita a confrontação com o vazio. A introjeção desse pai ocorre de maneira que o sujeito prescindia de que ele esteja lá.

Enquanto a mãe nomeia os choros, os movimentos da criança, o pai diz que ela não é tudo. Abre outras possibilidades para que a criança se manifeste, ou seja, “dar à criança as armas que lhe permitem fazer de modo a que não haja adequação entre o que sua mãe diz e o que ela é como sujeito”(Lebrun, 2004, p. 32).

A mãe ao nomear, ou como diz Lebrun (2004), etiquetar as primeiras palavras do sujeito, fornece a ele significantes que o sujeito irá identificar-se. Quando o pai intervém ele relativiza o alcance do significante. Assim não existe um significante que diga quem é o sujeito. Segundo Lebrun (2004), o sujeito se encontra entre os significantes.

Trata-se, portanto, de ler em que Lacan faz consistir a intervenção paterna, ou seja, o que ele chamou “a metáfora do Nome-do-Pai” e a produção, por esta, da significação fálica. O pai, como significante que substitui o materno, arrima a falta do significante no Outro ao produzir o significante da falta do Outro, a saber, o Falo; ao mesmo tempo, permite que se inicie o luto da completude, vindo o significante do Falo, de toda forma, simbolizar a totalidade que se tornou impossível pelo fato de falar e invalidar, por isso qualquer operação que visasse vir preencher a falta no Outro. (Lebrun, 2004, p. 34).

Então com a instauração da castração e a condição de que sempre haverá falta, sendo o gozo absoluto ou a completude da ordem do impossível. Tem-se que a castração é estruturante no psiquismo. Sendo necessário que o sujeito esteja alienado aos significantes do Outro que o constitui e é isso que o impulsiona a desejar. Segundo Lebrun (2004), o fato de que é possível deixar desejar que torna possível o desejo.

A linguagem é introduzida a partir do interdito do incesto. O sujeito consegue descolar do universo das coisas e entra no das palavras por intermédio de sua relação com o pai. Na construção do psiquismo que na ponta promove a ascensão do sujeito assim como seu desejo, é necessário passar pelo processo de castração primária e secundária.

A castração primária é efetivada pela mãe quando esta reconhece um terceiro, o Nome-do-Pai na relação com o filho. É neste reconhecimento que se insere a castração.

Na castração secundária, o pai real aparece, pois até então, a criança vive para com a mãe uma relação, segundo Lebrun (2004) de engodo. A mãe ilude a criança, deixando-a acreditar que é tudo para ela, e a criança ao acreditar que ela é tudo para a mãe, também a ilude. Ao longo do processo de desenvolvimento, esta relação simbiótica vai sendo desconstruída, quando a criança passa a constatar que a mãe deseja outras coisas que não só ela, seja um acontecimento, um trabalho, o pai, ou até mesmo outro bebê, a criança passa a sentir o nascimento de suas pulsões, passa a também desejar outras coisas que não só a mãe.

Assim, segundo Lebrun (2004), esta constatação da criança de que não é tudo para o outro a faz sentir-se perdida e angustiada. Ela terá que atravessar esse sentimento para poder se livrar do engolfamento no desejo da mãe. O pai deverá entrar nesse momento, libertando a criança do engajamento com a mãe. O pai deve mostrar à criança que ela não deve ficar nesta relação de engodo com a mãe, mostrando à criança que ela é castrada e ao instaurar a linguagem faz com que a criança saia em busca de outros para se relacionar.

A função do pai deve, de todo modo, operar duas vezes: numa primeira vez sua função é a de ser, como pai simbólico, agente da castração primária, segundo a operação da metáfora paterna, e, assim, permitir que se produza a significação fálica; nesse sentido, é somente como nome, como símbolo, que o pai assume sua função e, nisso, é tributário do desejo da mãe: “Não há verdadeira autoridade paterna a não ser a recebida de uma mulher”, diz Philippe Julien; ele acrescenta: “Afirmar que o pai como Nome é fundado pela mãe não quer dizer que o pai seja designado por ela para cumprir esse papel, para cumprir tal tarefa. Isso não é exaltar o estar a serviço”. Essa função paterna deverá entrar em jogo uma segunda vez com relação à castração secundária, encargo que cabe, agora, à categoria do pai real; aqui, é como ser vivo de carne e osso que ele intervirá e sua intervenção só se sustentará por seu desejo próprio. (Lebrun, 2004, p. 41).

Lebrun (2004) enfatiza que do ponto de vista da realidade psíquica, a função paterna necessita de dois elementos para ser exercida. Primeiro é necessário que a mãe nomeie o que sustenta como lugar do pai, para assim, o pai poder operar. É a mãe quem tem que significar o pai a que faz referencia. Segundo, aquele que ocupar o lugar do pai real precisará intervir em carne e osso. O pai tem que ser um Outro para a mãe, para o qual ela dirige seu desejo. E ainda, não basta ser reconhecido apenas pela mãe, esse lugar do pai e sua função têm que ser reconhecidos pelo social. Socialmente esse lugar e função devem estar ratificados.

Assim, baseado nas considerações lacanianas acerca do Nome-do-Pai, tem-se que “o pai exerce uma função essencialmente simbólica: ele nomeia, dá

seu nome, e, através desse ato, encarna a lei” (Roudinesco e Plon, 1998, p. 542). E ainda como o que predomina na sociedade é o primado da linguagem, cabe à função paterna nomear, possibilitando que a criança estabeleça sua identidade e torne-se sujeito. A metáfora paterna ao introduzir o desejo do pai que interdita o desejo incestuoso, apresenta ao filho novos objetos que constituirão seu desejo.

O pai não é o único a transmitir psiquicamente e carnalmente os símbolos e funções para que os filhos vivam em sociedade. As mães também têm feito esse papel, segundo Roudinesco (2003). E ainda segundo a autora, à medida que o pai vai perdendo forças as mulheres vão intensificando seu poder. O que resultará num rearranjo das configurações familiares e conseqüentemente na subjetividade dos sujeitos fruto dessas relações.

Podemos incluir no pensamento de Roudinesco (2003) que não só o pai e mãe têm transmitido psiquicamente e na prática os símbolos e funções para que os filhos vivam em sociedade. Contemporaneamente temos a televisão com seus programas considerados educativos tanto para pais quanto para os filhos. Temos os filmes, desenhos e afins que são colocados para distrair e ocupar as crianças enquanto os pais ou fazem seus afazeres ou descansam do estresse do dia-a-dia, poupando-os do convívio diário com os filhos. Temos a escola que tem sido colocada no lugar da grande educadora, cabendo à ela ensinar não só os conhecimentos que são de sua alçada ensinar, mas também como se comportar em grupo, como comer, o que pode e o que não pode fazer. Esses substitutos têm tirado dos pais a responsabilidade de educar seus filhos o que tem gerado conseqüências devastadoras no processo de constituição da subjetividade dos sujeitos.

## Capítulo 3

### Função paterna e a contemporaneidade

A contemporaneidade tem colocado em questão a imagem do pai. Aquele pai freudiano potente, representante da lei, que possibilita a identificação e abre caminho para o desejo parece estar fora de cena (Albuquerque, 2006). Atualmente temos um pai ausente, humilhado, carente, incapaz de sustentar aquela figura idealizada que amparava o sujeito.

Segundo Paoli (2010), se no mundo judaico-cristão havia consenso sobre a lei, contemporaneamente não temos mais como afirmar isso. Os valores éticos e morais não têm unanimidade. Os padrões a serem seguidos, são, segundo a autora (2010), decididos em comitês de ética.

As leis são hoje, segundo Paoli (2010), fluídas, referidas às modificações que sofrem de acordo com as circunstâncias. Na vida afetiva das pessoas a superficialidade, a rapidez e o interesse estão em primeiro plano.

As pessoas têm feito laços frágeis e circunstanciais, ficando cada vez mais isoladas, escondidas atrás de uma tela de computador com seus perfis em redes sociais.

A sociedade contemporânea apresenta novos objetos, novas maneiras de se relacionar, novas formas de enfrentar conflitos eliminando a singularidade e imperando, segundo Albuquerque (2006) um mais-gozar comum a todos. A desenfreada chegada de novidades às prateleiras e mais recente ainda aos sites de compras coletivas pela Internet impulsionam o consumo exagerado que prescinde da necessidade. Há muita oferta, muitos ideais, as escolhas sofrem o tempo todo transformações tornando difícil a



permanência do sujeito em um único lugar. Diante de tantas opções, o sujeito contemporâneo se sente, segundo Albuquerque (2006), solitário e desamparado. E assim, o ideal passou a valer menos do que os objetos de consumo.

Se a verdade não é mais uma questão interna, uma busca de um saber próprio sobre o desejo e o inconsciente, somos levados a concluir que a Alteridade não porta mais enigma nenhum. *O che vuoi?*, interrogação que emerge frente ao desejo do Outro, não mais inquieta. A compulsão ao gozo não é apenas um direito, mas um imperativo moderno. A angústia surge quando não desfrutamos como deveríamos. A verdade deixou de ser o que se almeja atingir, algo a ser imajado num aprofundamento sensível, para ser supostamente alcançada no site de busca da Internet. (Paoli, 2010, p. 4)

Com o enfraquecimento da função paterna o sujeito não tem mais um padrão para se orientar em como gozar, com quem ou com que se identificar. As pulsões que antes tinham que passar pelo Outro e pelo superego para encontrar seu objeto, agora deixam o sujeito à deriva. O superego antes estruturava os discursos dos laços sociais e o próprio sintoma. Hoje em dia, segundo Santos (2001), “O sujeito em questão está mais advertido da transitoriedade do Outro, isto é, das crenças, das rotinas, das tradições, dos valores de seu tempo” (p. 303)

O declínio da função paterna emerge juntamente com o declínio do poder de agregação simbólico da religião, segundo Santos (2001), durante o poder monárquico a função paterna era o representante de Deus no mundo. Com o advento da ciência, das premissas igualdade e liberdade houve um esvaziamento dos sentidos coletivos que consolidavam os laços sociais e as relações com o próprio sujeito. Houve um enfoque no individualismo e um esvaziamento da força da função paterna. Segundo Santos (2001), a palavra do pai já não tem mais a força simbólica e coercitiva da lei. E com isso, o pai

não transmite a crença e a tradição, o que leva o sujeito a se constituir sem referência.

A função paterna era a responsável por oferecer referência ao sujeito que se encontra num mundo em constante transformação. Segundo Santos (2001), sem o anteparo do Nome-do-Pai, que fornecia hábitos, tradições e rotina, os efeitos do Outro universalizante da ciência podem ser devastadores. Pois ao universalizar os sujeitos elimina a particularidade e a singularidade tão características da constituição psíquica.

Esse Outro contemporâneo se apresenta radicalmente liberal, o imperativo é: “*É proibido, proibir*”. Todos têm direito a tudo e nesse sentido fica complicado dizer não, dizer o que se deve fazer e nesse sentido toda atitude é uma transgressão. Sem referência, como então, o sujeito se constitui? (Santos, 2001).

O capitalismo tem ganhado formas com tamanha ligeireza que o sujeito não consegue assimilar, mas mesmo assim, há uma pressão social para que se saiba tudo o que acontece instantaneamente, e se tenha o último lançamento que entrará em desuso no próximo mês. Os efeitos dessa tecnologização e globalização são a impossibilidade de projetos em longo prazo, uma super exposição às mudanças e riscos e o sujeito tem de dar conta de tudo isso.

O sujeito torna-se, por excelência, um consumidor dedicado a calcular a relação entre o custo e o benefício da aplicação do seu tempo, do seu conhecimento e do lazer. Por conseguinte nasce uma nova moral. A moral burguesa do trabalho, da produção, convoca ao recalque do gozo em proveito das realizações culturais. Qual é a nova moral? Hoje, a produção de excedentes inverteu a relação entre oferta e procura: primeiro se inventa o produto só depois se cria a demanda, o consumidor ideal. (Santos, 2001, p. 308).

Segundo Santos (2001), o sujeito não pode limitar ou adiar nenhuma satisfação em proveito das realizações culturais ou das futuras gerações. E a autora aponta como indícios dessa cultura de excessos e do mais gozar os sintomas que temos presente na clínica, segundo ela: o desinteresse pela participação na esfera pública, o abandono à compulsividade sexual, o gosto pelas drogas ilícitas e lícitas, a anorexia, o consumo exagerado, o trabalho como adicção, “um impulso a agir, sempre mais depressa, antes de pensar” p. (309). E tudo isso sem a conotação de uma reflexão frente à essa realidade.

O Outro não apenas regula o gozo, ele dita como gozar, incita a gozar cada vez mais com o que esta posto pela sociedade. E como consequência disso, segundo Santos (2001), há um aumento da angústia. Frente a isso encontramos sujeitos perdidos incapacitados de dizer não a si mesmos. E essa geração que se encontra no meio desse redemoinho tem que administrar uma quantidade imensa de ofertas sob inúmeros imperativos, que cobram a toda hora o “seja feliz” e o “goze a qualquer preço”.

Segundo Christopher Lasch (1983), os pais de hoje são muito mais permissíveis, pois permitem a invasão da indústria cultural no lugar dos agentes da paternidade o que altera a qualidade da ligação entre pais e filhos arrefecendo-a.

A invasão da indústria, especialmente a cultural na família propiciou para que outros agentes assumissem as funções familiares, como a indústria da publicidade, os meios de comunicação de massa, os serviços da saúde e do bem estar, colocando a tecnologia e as técnicas advindas da ciência positiva a serviço da educação familiar. A partir daí, segundo Lasch (1983), surgiram manuais de como educar filhos, de como ser boa mãe engendrando nos pais

uma necessidade cada vez mais freqüente de consultar especialistas que pensam nas relações dentro da lógica que rege a economia burguesa, ausentando a relação entre pais e filhos de espontaneidade e afeto.

A socialização das funções parentais bem como a mecanicidade à que se renderam os manuais que tentam instruir os pais em como educar, e as ações egocêntricas que os pais tomam, constrói relações distantes, confusas e impulsivas contribuindo, segundo Lasch (1983) para o enfraquecimento da autoridade paterna.

A mulher que foi a um psiquiatra, após ler livros sobre desenvolvimento de crianças sobre os quais ela “sentiu que não tinha sido capaz de aprender nada”, dramatiza, de forma acentuada, o compromisso do pai moderno. Ela procurava essas informações, relatou seu psiquiatra, “como se estivesse interessada em passar em algum tipo de exame, ou em produzir um filho que iria vencer competição... Tinha de se tornar uma mãe perfeita” Mesmo assim, suas relações com seu filho sofriam de “uma notável falta de afeto”. Atormentada por um “sentimento de inexperiência e falta de jeito para lidar com tarefas sobre as quais não possuía experiência prévia”, ela se comparava a alguém que jamais havia visto ou dirigido um carro e estava aprendendo a dirigi-lo a partir de um manual de um mecânico. Outra mãe “sentia que nada sabia sobre o que era ser mãe, literalmente... Ela podia mecanicamente atender às necessidades que sua filha exigia, e sentia que respondia automaticamente, sem empatia, como alguém que seguisse automaticamente instruções de um manual” (p. 210-211).

Dessa forma, seguindo o pensamento de Lasch (1983) e de Horkheimer (1983), essas crianças irão procurar alguém fora do âmbito familiar alguém ou algo que encaixe com suas necessidades de proteção, vantagens materiais e enaltecimento do eu. O pai é, inclusive, substituído por poderes coletivos, como a classe escolar, o “team” esportivo, o clube e, por último, o Estado. Os jovens manifestam a tendência a associar-se em grupos que ofereçam, segundo Adorno e Horkheimer (1986) “proteção, satisfação narcisista, vantagens materiais e a possibilidade de descarregar sobre outros o sadismo, em que a desorientação inconsciente e o desespero encontram uma cobertura” (p.145).

As identificações se darão por intermédio de um superego feroz, punitivo e impiedoso, constituído por elementos arcaicos e que busca se fundir a auto-imagens grandiosas.

A mesma criança que despreza seus pais por considerá-los fracos e hesitantes, que estabelece vínculos frouxos com eles e relega-os sem dificuldades ao segundo plano de seus pensamentos, conjura em suas fantasias um outro elenco de pais. Posto que estes outros pais representam em boa medida os pensamentos inconscientes da criança – projeções de seus desejos inconscientes e dos medos que os acompanham - , eles parecem tão vingativos e punitivos, tão terrivelmente arbitrários e injustos, quanto os pais reais parecem indefesos, ponderados e brandos. O distanciamento da geração mais velha não significa que a criança não forme uma vívida impressão de seus pais; significa apenas que suas idéias raramente serão testadas em confronto com a experiência cotidiana. (Lasch, 1991, p. 229).

As implicações desse enfraquecimento da autoridade paterna constituem uma sociedade corrupta, permissiva e hedonista. Isso porque “se a família está indissolúvelmente ligada à sociedade, o seu destino dependerá do processo social e não da sua própria existência como forma social auto-suficiente” (Adorno e Horkheimer, 1986, p. 146-147).

Com a reestruturação da família moderna, a saída da mãe do espaço intimista do lar e não mais suprindo os indivíduos com a reserva de amor e com o pai não mais ocupando o lugar de provedor, ele perde seu poder e respeito. Levando os indivíduos a buscarem, segundo Horkheimer (1983), fora da família esse grande pai. Esse enfraquecimento da autoridade dentro da família que permite a entrada de outras instâncias para ocupar esse lugar. Os indivíduos buscam fora em outras instituições ou personalidades essa autoridade que a família não mais se propõe a abarcar.

O problema que essa situação instaura é que a família, segundo Horkheimer (1983), goza de uma imunidade de crítica, pois nela há o afeto. Com essas transformações, ocorre uma busca por um objeto de identificação e

junto migra essa mesma imunidade de crítica. Todos os objetos, pessoas, instituições que são colocados nesse lugar também gozam dessa isenção de crítica. Só que diferentemente da família, com esses novos objetos não há uma relação de afeto, há sim uma relação formal.

Hoje observa-se que a criança adere ao discurso externo que passa por exemplo na televisão, passa a agir e a pensar como o que é ditado nos programas sobre comportamento sem questionar, sem crítica nenhuma. E quem passa a ser criticada e depreciada é a família. E esta por sua vez aceita isto passivamente. Pois como observou Lasch (1991): “Os pais aceitam sua obsolescência com o máximo de boa vontade que conseguem reunir, voluntariamente relegando-se ao segundo plano da vida da criança” (p. 224).

Os próprios pais encontram-se perdidos, sem referência, se apoiando nos discursos e teorias que aparecem na televisão e que são vendidos nos livros de auto-ajuda. E também se apóiam na medicina que promete resolver os problemas familiares numa caixa de comprimido. A ideologia da saúde mental impera sobre os objetivos de bem estar das famílias o que corrobora para um crescente assujeitamento aos discursos externos.

A utilização de manuais de como comportar não vem de hoje, desde o início da Idade Moderna, existem manuais de como se tornar uma boa mãe, como se comportar de acordo com os novos princípios da época (Philippe Àries, 1981). Lasch (1991) conta da popularidade do livro de Benjamin Spock, *Baby and Child Care*, que atingiu mais de duzentas edições entre o final da década de 1940 e meados da década de 1970, demonstrando a dependência dos pais em relação ao conselho e à ajuda externos.

No entanto, Lasch (1991) adverte que o conselho vindo de fora “enfraquece a já vacilante confiança que os pais depositam em seu próprio julgamento” (p. 220). A proliferação dos conselhos médicos, psicológicos, dos autores de livros de auto-ajuda e de especialistas que aparecem na televisão enfraquece a confiança dos pais concomitante ao aumento da dependência aos discursos técnicos feitos por esses especialistas.

Assim, segundo Lasch (1991), a família luta para conformar-se a um ideal de família imposto de fora para dentro. O autor ainda afirma que muitos pais se eximem da responsabilidade na educação de seus filhos, evitando confrontos, não apresentando limites e nem se comprometendo a passar uma formação de caráter.

A família parece evitar conflitos, segundo Lasch (1991), parece ter medo das relações ambivalentes, o que traz um problema, pois “é precisamente a conjunção de amor e constrangimento que capacita a criança a crescer e aceitar os constrangimentos da vida adulta sem perder a capacidade de amar” (p. 223). Assim estas crianças crescerão imaturas afetivamente, incapazes de lidar com conflitos, apegadas à grupos e com medo da solidão.

As famílias passam a encontrar um choque de gerações, pois os pais não encontram as referências necessárias para lidarem com os problemas que a contemporaneidade apresenta. Muitas vezes os filhos se apresentam como sabendo mais do que os pais sobre determinado assunto. Segundo Wagner (2003), “a família passa por um momento de perda de referenciais, uma vez que os modelos recebidos de gerações anteriores parecem estar obsoletos, ao mesmo tempo em que carecemos de novas estratégias e padrões educativos que, de certa forma, resultem eficazes” (p.27).

Assim, tem-se observado um esfacelamento da autoridade. Segundo Lebrun (2008<sup>a</sup>), não há registros na História de gerações de pais que não reconheçam para si a legitimidade de poder e até de dever significar interdições aos filhos.

Os pais têm se mostrado atualmente, na opinião de Lebrun (2008<sup>a</sup>), preocupados em atender aos pedidos dos filhos, pois têm medo de perder o amor dos filhos. Este fator demonstra que há uma mudança na preocupação primeira dos pais quanto ao que priorizar na educação de seus filhos. Antigamente, em primeiro lugar, segundo Lebrun (2008<sup>a</sup>), estava a educação, hoje o objetivo primeiro tem sido a preocupação se serão amados ou não por seus filhos. Para isso, têm feito de tudo para não perderem esse amor, como cederem em tudo para os filhos, comprarem tudo o que eles querem acreditando que desta forma não estarão pondo em perigo o laço que os unem.

Para Lebrun (2008<sup>a</sup>) toda a crise do esfacelamento da autoridade está ligada a uma crise de legitimidade:

O que chamamos crise da legitimidade remete bem a isto: reconhecer que existe um programa, uma tarefa a ser cumprida, cuja justificação derradeira não poderia ser encontrada no nível em que se situam os protagonistas envolvidos – a educação para os pais e o filhos, o aprendizado para os professores e os alunos, o futuro da coletividade para os governantes e os governados, etc – agora é problemático. Em outras palavras, reconhecer que podem e devem existir objetivos, situados em terceiros, que transcendem os interesses de cada um, não é mais evidente. Logo, tornou-se muito difícil ainda poder referir-se naturalmente a tais objetivos. (Lebrun, 2008<sup>a</sup>, p. 23).

Antes havia um lugar de autoridade a ser ocupado, seja quem o ocupava Deus, pai, chefe, professor, era neste lugar que se impunha o interdito. Na modernidade, a legitimidade teria um fim em si mesma sobre as leis da linguagem. E é esse modelo que está abalado pela crise da legitimidade. Para Lebrun (2008<sup>a</sup>), quem o ocupa está sem legitimidade. O autor questiona até



mesmo se este lugar ainda existe. Se não, tem-se outro problema, que seria o da transcendência da legitimidade.

Durante muito tempo, segundo Lebrun “a transcendência religiosa terá sido o ponto de apoio que permitiu que sociedades se sustentassem no vazio durante séculos” (2008<sup>a</sup>, p. 26). Hoje sem esta religiosidade, todos estão abalados, confusos. A questão como não é mais livrar-se de Deus ou livrar-se do lugar que Ele ocupava fica no vazio, e agora, segundo Lebrun (2008<sup>a</sup>), não há algo ou alguém ocupando um lugar de que os sujeitos têm que se livrar.

Se antes cabia à família preparar as crianças para que assumissem lugar na vida social, pois com as diferenças entre gerações legitimava-se a garantia de repasse de uma tarefa. Hoje essa diferença dissolveu-se e a relação pai-filho é considerada, segundo Lebrun (2008<sup>a</sup>), recíproca e simétrica. Para garantirem um lugar e fornecer amor, os pais fazem contratos para manterem-se num lugar que possibilite a manutenção da criança.

A criança não se vê impelida a abrir mão de seu todo-poder infantil e como não se separa dessa posição, fica então, no lugar de criança generalizada. O que para Lebrun (2008<sup>a</sup>), significa “uma época em que permanecer criança nada teria de repreensível, seria até, ao contrário, implicitamente favorecido” (p. 28).

Toda sociedade tinha suas normas que eram veiculadas pela tradição. Ao serem transmitidas cuidava-se para que fossem assumidas pela geração seguinte. Assim, cada um podia acreditar que as normas reguladoras e orientadoras viessem de fora. Embora, são os sujeitos que as inventam. Dessa forma, no centro está o vazio do qual estas normas e orientações sociais tentam dar conta. Se antes tinha-se a religião como forma de apaziguar esse

vazio, no mundo moderno, com a razão, o sujeito é impelido a dar conta sozinho. Com a falta de alguém legitimando esse lugar a que se faz referência, os cidadãos estão sendo obrigados a repensar a vida coletiva, ou como Lebrun (2008<sup>a</sup>) sugere, “talvez até a pensá-la simplesmente, desta vez reconhecendo a presença em seu seio do vazio até ali cuidadosamente mascarado” (p. 28)

Ensinar o outro a pensar é ensiná-lo a sustentar-se no vazio, é manter-se sem apoio. Quem ensina uma criança a pensar são seus pais e educadores. A criança precisa amadurecer para que chegue num ponto em que se autorize a deixar o primeiro Outro, a mãe. O ponto de apoio que possibilita à criança a se desalienar é o pai. Se isto se abala, não há como criar crianças preparadas para pensar, para se sustentarem no vazio. Logo o que teríamos, conclui Lebrun (2008<sup>a</sup>) é que o próprio pensamento está em risco.

Assim como a criança não consegue fazer esse trabalho para se tornar sujeito sozinha aliada ao fato de os pais não se autorizarem no lugar de quem legitima essa construção, constata-se “uma sutil aliança de fato se estabeleceu entre a geração dos pais, arrastada pela crise da legitimidade e ligada nos ideais da “sociedade de consumo”, e a geração dos filhos, que podem assim evitar de crescer, privilegiando o jeitinho cotidiano” (Lebrun, 2008<sup>a</sup>, p. 30).

Esse sujeito contemporâneo despreparado, sem limites, não se vê mais confrontado com os tormentos do desejo, não se constitui por intermédio da relação com alguém legitimado no lugar de autoridade. Assim, tornam-se adultos, segundo Lebrun (2008<sup>a</sup>), sem deixar a infância. Vão para a vida adulta sem terem transcendido o lugar do pai. Passam a vida tentando evitar a transcendência da legitimidade. Desta forma, o paradoxo que atesta a crise atual da sociedade é, nas palavras de Lebrun (2008<sup>a</sup>), que: “nenhuma

sociedade jamais deu tanta importância à singularidade do sujeito, mas nenhuma, igualmente, tão pouco preparou o sujeito para sustentar essa posição cujo advento ela no entanto torna possível” (p. 31)

Desta crise engendram os problemas observados na sociedade contemporânea como a violência, o empobrecimento da fala e conseqüentemente de simbolização e a falta de limites em decorrência da falta de legitimidade.

Os pais, sugere Lebrun (2008<sup>a</sup>), deveriam significar as interdições a seus filhos, lhes mostrar que nem tudo é possível, pois sem isso a criança não sabe para onde canalizar sua violência ou não sabe em que transformá-la. Como os pais não estão legitimados no lugar que deveriam ocupar, não há encontro entre pais e filhos, num sentido de esta ser uma relação pautada na ambivalência e sem o encontro, o ódio da criança não é recebido pelo pai, não havendo conflito.

O ódio na concepção de Freud é mais originário do que o amor, já que ao nascer o indivíduo passa a ter que dar conta do fato de que é incompleto, que tem seu narcisismo furado engendrando daí o ódio. A partir disto, em *O mal-estar na civilização* ([1930]/1929/1996), Freud apresenta o indivíduo como inimigo da civilização e a forma que ele propõe para proteger a civilização e não retornarmos à barbárie é constituindo as normas, instituições e mandamentos.

Lebrun (2008b) então aponta que o ódio que emerge quando o sujeito é barrado, contemporaneamente não tem um destino devido à falta de legitimidade de quem deveria estar impondo as regras para o convívio em civilização.

Como este ódio que a criança tem não está endereçado ao pai, que foge da relação, permanece o sentimento por si só, sem interlocutor, tirando da criança, segundo Lebrun (2008b) a possibilidade de simbolizar o ódio e transformá-lo em outra coisa, ou na forma freudiana de entender, sublimar.

Assim, quando esta criança que não aprendeu a processar seu ódio cresce, e por sua vez, se torna pai, não saberá lidar com o próprio ódio e muito menos o ódio de seu filho. Entendendo que o conflito, a ambivalência são estruturantes da subjetividade, não se sabe como será constituída a subjetividade desses novos sujeitos. Não se sabe para onde canalizarão seu ódio. Talvez as passagens ao ato que contemporaneamente tem se tornado tão freqüentes tem demonstrado como tem se estruturado a subjetividade desses sujeitos que não conseguem administrar suas ambivalências e como os sujeitos tem canalizado seu ódio.

Esta tentativa de apaziguar o ódio das relações ressalta que a família vive hoje uma tentativa de ser indiferente ao conflito. E para isto no lugar da obediência aos mais velhos, Lebrun (2008<sup>a</sup>) aponta para uma negociação, dando ênfase ao poder da criança e, com isto, desrespeitando a diferença entre gerações. Quando a criança se dá conta de seu poder nestas negociações, se sente como o adulto, não vivendo o tempo progressivo de aprendizado da condição humana. Tempo este que exige maturação para descobertas e assimilação da vida em sociedade. Sem isto a criança fica isenta do respeito aos mais velhos, pois não tem obrigações nem interditos. Como diz Roussel (2002) citado por Lebrun (2008<sup>a</sup>), “Não se pode aprender a autonomia num mundo irreal, acolchoado, onde não existe nenhuma resistência dos pais nem da escola. Fazer da criança um rei é impedi-la de se tornar adulto” (p. 36).

Enfim, são esses sujeitos que estão na realidade para serem analisados. O que isto vai gerar ao fim e ao cabo, cabe a história responder. Mas a partir desse estudo pode-se inferir que a função paterna existe, apesar de seu exercício ter tomado versões mais maleáveis, mais vacilantes e menos taxativas. A realidade que nos é imposta contribui para que valores, costumes, hábitos estejam em constante mudança onde o novo é efêmero, ou como diria Marx e Engels (s.d.): “tudo que é sólido desmancha no ar.” (p. 30)

Assim, a teoria nos possibilita confirmar a importância da existência da função paterna como determinante na constituição psíquica do sujeito. A função paterna por ser quem delimita o sujeito, impondo limites a seu desejo possibilita a vida em sociedade. No presente trabalho foi discutido que sem a interdição dessa função a vida em civilização se torna impossível. E como a realidade também nos mostra que a função paterna continua operando, entendemos que o problema tem sido em torno de como os pais tem encontrado dificuldades em exercer a função que lhes cabe. Isto posto partiremos para a análise de famílias onde problemas dessa ordem são freqüentes e reconhecidos pelos pais.

## **Capítulo 4**

### **Percurso da pesquisa**

#### **4.1 – Delineamento do estudo**

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, composta de três estudos de caso, ou seja, três famílias em que os pais não conseguem lidar com a indisciplina dos filhos, em que foi realizada uma análise do discurso dos pais em cada caso mediante a técnica de análise de Conteúdo de Laurence Bardin (2009).

#### **4.2 – Participantes**

Três famílias nucleares, de classe média, selecionadas a partir dos episódios da primeira temporada do seriado brasileiro chamado de “Super Nanny”. Os episódios são apresentados na rede de televisão aberta. A primeira temporada está compilada em um Box de DVDs, o qual foi utilizado para o presente estudo. Elegeu-se para a análise três episódios da primeira temporada. O critério para escolha dos episódios baseou-se na consideração daqueles em que havia uma maior quantidade de falas dos pais, visto o objetivo da pesquisa.

A primeira família aparece no disco um e é a quarta família a ser apresentada no DVD. A mãe tem 35 anos é artista plástica, o pai tem 36 anos e é gerente. Eles têm três filhos, Bárbara e Letícia que são gêmeas e tem quatro anos, e Gustavo que tem três meses de idade.

A segunda família aparece no disco dois e é a quarta família a ser apresentada no DVD. A mãe tem 27 anos é dona de casa, o pai tem 34 anos e é consultor de segurança. A mãe tem uma filha de oito anos fruto de seu

primeiro relacionamento e que mora na casa. E o casal é pai de Daniel de três anos e Lívia de sete meses de idade.

A terceira família aparece no disco três e é a primeira família a ser apresentada no DVD. A mãe tem 24 anos é esteticista, o pai tem 32 anos é analista de sistemas. Eles são pais de Kauana de cinco anos, Nicolas de três anos e Murilo de sete meses de idade.

A descrição do contexto em que essas famílias são apresentadas, bem como a transcrição completa das falas nos episódios encontra-se nos Anexos. Os Anexos 1, 2 e 3 apresentam as seguintes informações:

1. Uma descrição de cada família;
2. Um breve relato do contexto relacional vivido pelos membros;
3. As queixas centrais como descritas pelos pais; e,
4. A transcrição literal e cronológica das falas dos pais.

#### **4.3 – Procedimentos Gerais**

Ponderando os objetivos da pesquisa e considerando que a teoria estabelece a primeira infância como ponto central da inscrição do *infans* nas configurações da função paterna, para esta pesquisa, foram selecionadas famílias com filhos nesta etapa do desenvolvimento psicosssexual e cujos pais relatassem dificuldades no processo de criação/educação de filhos.

As falas dos pais foram dispostas em quadros numerados visando sua melhor organização e analisadas com a finalidade de destacar os temas centrais do discurso destes em relação às dificuldades por eles vivenciadas no processo de criação/educação dos filhos.

Os temas foram estabelecidos a partir de uma consideração aos aspectos ressaltados na revisão da literatura e por uma consideração semântica que visou inferir das falas dos pais um sentido.

#### **4.4 – Procedimentos para análise dos dados**

A observação das famílias permite inferir as dificuldades enfrentadas pelos pais na atualidade no processo de exercer seu papel, ou seja, de exercer a função paterna. A partir da fala dos pais foram nomeados temas suscitados com base na Análise de Conteúdo de Bardin (2009). Posteriormente, esses temas foram agrupados em grandes categorias. A seguir apresentamos os temas e as categorias elencadas:



Quadro 1 – Descrição de Temas e Categorias

1. Despreparo Emocional	Descontrole emocional, imaturidade e incapacidade de gerir conflitos, incapacidade de auto-avaliação e reflexão, incapacidade de administrar tempo/casa/rotina, desorganização interna e externa, problemas de relacionamento familiar.
2. Passagem ao Ato	Situações de descargas automáticas de energia e emoção refletindo um funcionamento familiar com base nos processos primários sem qualquer mediação simbólica.
3. Terceirização da Função Paterna	Necessidade de ajuda externa, busca de referência externa ao casal, um outro para dizer o que fazer, alguém que se referencie e os autorizem no papel de pai e mãe.
4. A-Simetria	Há uma horizontalização da autoridade dos pais em relação aos filhos e uma verticalização da autoridade dos filhos onde estes ditam as regras e os pais ficam apassivados.
5. Incapacidade de Estabelecer Regras	Ineficácia simbólica do ato de fala dos pais.
6. Disposição Afetiva	Medo da perda do amor dos filhos, insegurança (não saber, medo de traumatizar), medo de errar, frustração, culpa (ausência, por incapacidade), identificação com o lugar do filho (dó), desejo de livrar-se do “fardo”, má qualidade das relações, sentimento de estar refém.
7. Ideal de Pai	Pais têm um modelo de Pai reflexo da perfeição, desenvolvimento de sentimentos de inadequação funcional e pessoal, não permitem-se autorizar-se no exercício da função que lhes cabe.
8. Desamparo	Não cuidado dos filhos, não percepção das dificuldades, sentimentos e atitudes dos filhos.
9. Educação com Justificação	Pais tentam convencer os filhos de suas atitudes, criam e educam justificando seus atos, negociação, troca de favores.
10. Foco no Negativo	Pais reforçam o que os filhos apresentam de ruim, pais não conhecem seus filhos, não sabem de suas capacidades e limitações.

Apresentamos a seguir a análise dos temas e categorias extraídos das falas dos pais.

#### 4.5 – Resultados e Discussão

Um primeiro tema central que ressalta do discurso parental é o que podemos categorizar como *Despreparo emocional*. Nesta categoria estão agrupadas os relatos de: descontrole emocional, imaturidade e incapacidade de gerir conflitos nas situações cotidianas, incapacidade de auto-avaliação e reflexão para analisar as situações, incapacidade de administrar tempo/casa/rotina, desorganização interna e externa e problemas de relacionamento familiar.

Essa primeira categoria foi observada no discurso dos pais, de uma forma geral, e pode ser visto claramente na fala de uma das mães:

*“É gostoso bater na cara? (A mãe pergunta a Daniel – o filho, após ele se bater). A mãe bate nas mãos dele. “Pára de se arranhar”. E grita: “Não se arranha que você vai se machucar. Eu acho que vou levar sabe você aonde? No manicômio de louco. “Você está ficando louco para mim” (48).*

O que podemos depreender desta categoria é uma situação de caos no contexto geral da relação familiar. Caos que se estabelece desde os aspectos mais simples da organização da rotina familiar e se estende aos aspectos mais subjetivos da relação entre pais e filhos e da relação conjugal. Podendo chegar ao limite de uma situação de ambivalência afetiva de enormes proporções em relação à apreensão da imagem dos filhos (terríveis) como também da auto-imagem dos pais (coitadinhos), como pode ser visto em:

*“Super Nanny você pode ajudar uma mãe estressada, com duas crianças terríveis, judiando de um casal que só quer o bem delas? Você pode ajudar, por favor, Super Nanny, please? (10)”.*

A presença da categoria, *Despreparo Emocional*, em todas as famílias analisadas, pode estar indicando um despreparo destes pais para a tarefa da educação dos filhos. Se, por um lado, este despreparo emocional pode estar relacionado a uma disposição afetiva pessoal, por outro, pode ser o reflexo da insuficiência de manejo das situações geradas dentro do processo relacional com os filhos.

Independente de sua motivação, o despreparo emocional acaba por resultar, na maioria dos casos, em uma *Passagem ao Ato*. Assim, pode-se verificar inúmeras situações de descargas automáticas de energia e emoção refletindo um funcionamento familiar com base nos processos primários sem qualquer mediação simbólica, como ocorre quando a mãe conta:

*“Às vezes quando ele dá esses ataques de loucura, (Daniel grita, xinga os pais e se bate) eu fico tão irritada, eu fico tão louca que eu chamo ele de louco. Daí ele fica mais irritado, fica nervoso, quer me bater, quer me agredir”(46).*

De forma geral, esta impotência emocional levou estas famílias à busca do que podemos categorizar como uma *Terceirização da Função Paterna*. Dado o sentimento de impotência e incapacidade de gerir o processo de criação dos filhos, os pais buscam no exterior ao contexto familiar um terceiro que possa exercer a função paterna. Esta terceira categoria inclui os seguintes temas presentes nos discurso dos pais: sentem a necessidade de ajuda externa, busca de referência externa ao casal, um outro para dizer o que fazer, alguém que se referencie e os autorizem no papel de pai e mãe. O exemplo a seguir é demonstrativo tanto da desorganização interna da família como da incapacidade de lidar com os conflitos e ainda da expectativa de um terceiro salvador:

*“O Nicolas quando ele, assim, bate, às vezes, eu paro e penso assim, às vezes, é porque eu estou batendo muito. Então o erro está em mim porque ele está seguindo o que eu estou ensinando né? Eu sou muito nova, então eu fui mãe muito nova então eu não sei educar. Tem horas que eu entro em desespero. A gente precisa muito da ajuda da Super Nanny, né. Eu já estou num ponto assim que eu já estou extrapolando, então, assim, eu bato sem olhar onde. Eu grito, eu choro, eu entro em desespero. Já falei para ele (para o marido) que eu vou pegar as minhas coisas e eu vou embora, eu vou abandonar você com os três porque eu não agüento mais. Na verdade ela (a Super Nanny) não vai educar eles (os filhos) ela vai educar nós (os pais). Né? Quem precisa ser educado é a gente em relação a eles. Porque está muito difícil. Não adianta ser a Nanny, tem que ser a Super Nanny, porque a Nanny não ia dar jeito. Vem logo Super Nanny, vamo que o bicho aqui ta pegando” (63).*

O terceiro salvador, geralmente, ocupa três lugares distintos e muitas vezes se constitui como no caso da televisão, do computador, dos brinquedos, etc. apenas com a função de leniente visando simplesmente um controle parcial das demandas e das situações geradas no corpo a corpo do processo relacional com os filhos. Em outra perspectiva, como no caso da escola, do esporte, etc. o terceiro tem uma função de educador e disciplinador que, muitas vezes, se torna auxiliar na medida em que a figura dos pais se esmaece desta função. Por último, o terceiro é chamado como que, na maioria das vezes, serve a ocupar o lugar central da referência no processo de educar. Esta terceira função tem sido cada vez mais solicitada na atualidade e tem sido exercida por meio dos manuais, psicopedagogos, psicólogos, etc. Este é o lugar dos especialistas, das Super Nannies, lugar ocupado por aquele Sujeito Suposto Saber que percebemos tem sido cada vez mais requisitado o que por oposição indica um Sujeito Suposto não Saber no outro pólo.

Outra categoria, *A-Simetria*, caracteriza especificamente a forma em que se presentifica as relações postas entre pais e filhos. No sentido de que existe uma horizontalização da autoridade dos pais em relação aos filhos e, em

algumas situações, uma verticalização da autoridade dos filhos onde estes ditam as regras e os pais ficam apassivados. Este fato pode ser observado em: *“Ela super protegeu ele, e agora quando ela vai se impor como mãe, não tem moral. É uma pessoa discutindo com outra. (34). E em:*

*“Na hora que ele chega da escola, se ele chegar acordado ele chega quebrando tudo. Na hora do almoço é um tumulto. Tem que correr atrás dele, ele quer sentar no cadeirão da irmã, daí a gente briga com ele” (28).*

Nestas falas, pode-se observar que na falta de preparo da mãe para exercer seu papel de quem dita às regras da casa, é a criança quem o faz. Assim, *Daniel* impõe o seu ritmo alucinado afetando tudo e todos e gerando muita confusão e angústia. A mãe, ao não se impor como “mãe”, acaba por perder o controle em todas as situações, fica dominada por todas as vontades e querereres do filho e não bastando, perde também o autocontrole gerando situações de *brigas* onde grita, bate e xinga reproduzindo e reforçando o comportamento inadequado do filho em um curto-circuito viciado e vicioso.

Esses pais descontrolados emocionalmente e psiquicamente não sabem se autorizar diante de seus filhos. Este fato pode ser observado naquilo que instituímos como uma quinta categoria: *Incapacidade de Estabelecer Regras*. Esta categoria reflete a ineficácia simbólica do ato de fala dos pais e pode ser exemplificado em:

*“É um momento muito delicado que eu estou passando por causa do bebê. Eu sinto que estou sem as rédeas, sem controle sobre elas. Eu não consigo mais controlar. Eu preciso de ajuda para tentar resolver esse problema. Porque as meninas me deixam tão desequilibrada... Eu ponho na mesa e ponho o relógio. E digo: Vocês tem tantos minutos para nós comermos, vai uma hora, uma hora e meia. Quando comem” (3).*

Na fala dos pais, o que chama a atenção é que essa incapacidade de estabelecer limites e regras, geralmente, se associa ao que podemos considerar como uma categoria afetiva e não funcional: *Disposição Afetiva* dos pais na relação com os filhos. Os temas que compuseram esta categoria foram: medo da perda do amor dos filhos, insegurança (não saber, medo de traumatizar), medo de errar, frustração, culpa (ausência, por incapacidade), identificação com o lugar do filho (dó), desejo de livrar-se do “fardo”, má qualidade das relações, sentimento de estar refém. São inúmeros os exemplos desta categoria, a descrição abaixo apresenta um episódio entremeado de recortes da fala de uma mãe que consideramos exemplar em relação ao medo de perder o amor dos filhos. Na observação das cenas em um momento de descontrole de Nicolas ele começa a chorar e a bater na mãe. Então a mãe diz:

*“Eu não admito que filho meu bata nos pais” Ela bate nele, grita, arrasta-o pelo braço batendo nele. E grita: “Não bata mais em mim”. Nicolas diz: “Você não é mais a minha mãe”. A mãe aos berros diz: “Você é sim meu filho, porque eu te carreguei nove meses na barriga. Eu te pari”. Ele aos berros e a chutando: “Não, não é. A minha vó (paterna) é quem é minha mãe. E a mãe aos berros dizia: “Eu sou sua mãe sim” E por fim sai do quarto chorando. Após essa cena a Super Nanny vai conversar com a mãe e ela fala: “Isso acontece todos os dias. (A respeito de ele dizer que a avó paterna é a mãe dele). “Não sei se ele tem razão em dizer o que diz. Se ele tem razão de querer a avó paterna como mãe, se eu estou fazendo certo ou se eu é que sou ruim mesmo. Por isso é que eu procurei ajuda. O meu maior medo é de perder o respeito e o amor dos meus filhos. Então quando eu escuto isso eu tenho medo que eu já tenha perdido isso. Que eu não consiga reconquistar” (69 e 70).*

Outro exemplo da variedade das disposições afetivas contidas na categoria apresenta a identificação com o lugar dos filhos, o que demonstra o mecanismo de projeção no sentido em que os pais podem estar projetando nos filhos o reflexo de sua ambivalência nas relações com seus próprios pais. Como pode ser exemplificado pela fala de um dos pais:

*“Eu procuro, eu no meu caso estar sem ela numa situação. (A mãe interrompe começa a rir e diz que ele não fica sozinho com as crianças, que nunca ficou.). O pai continua: “É difícil eu ficar, mas eu já fiquei sim. Por exemplo, colocar de castigo, fechar no quarto, eu sou mais mole para essas coisas aí. Eu tenho um pouco de dó” (58).*

Nosso terceiro exemplo busca demonstrar a frustração e o fardo vivenciado na relação com os filhos, como uma das mães deixa claro:

*“Eu me sinto frustrada, eu me sinto perdida. Tem hora que eu penso assim: “Meu Deus do céu aonde eu errei?”. O que eu preciso fazer para melhorar? Eu acho que eu não sou ninguém. Eu to sempre assim: a mãe do Daniel, a mãe da Giovanna, a mãe da Lívia. Eu to anulada assim praticamente” (39).*

A *Disposição Afetiva* que se destaca das falas dos pais apresenta os sentimentos e receios mais recorrentes destes no processo de criação/educação dos filhos. Assim, indicam, principalmente, uma hesitação sobre a qualidade dos seus sentimentos em relação aos filhos, uma insegurança em relação ao afeto que estes nutrem por eles, uma concepção de que o processo de socialização é traumatizante.

A frustração e a culpa são constantes nas falas dos pais, seja por acharem que não conseguem controlar os filhos, seja pela ambivalência afetiva, seja por não saberem expressar o seu amor, seja por não conseguirem ter o mínimo de organização com o lar, consigo mesmo, com os filhos e, também, pelo tempo passado no trabalho.

Pensamos que um fator que estabelece uma relação direta com a *Disposição Afetiva* pode ser destacado como nossa sétima categoria. Categoria que designamos por *Ideal de Pai*. Extrapolando o conceito psicanalítico de Ideal de Eu para o contexto de nosso objeto, podemos definir esta categoria como: o que serve de referência aos pais para apreciar as suas realizações efetivas (Laplanche & Pontalis, 1967). No presente caso, a partir

das falas dos pais, parece que estes são habitados por um modelo fantasmático de Pai reflexo da perfeição. Esta crença imaginária em *um savoir faire* pode ser o dispositivo motivador do desenvolvimento de sentimentos de inadequação funcional, pessoal e do não se permitir a autorizar-se no exercício da função que lhes cabe. Um dos pais diz:

*“A gente não tem nenhuma técnica, a gente não é nenhum profissional com criança assim, para estar lidando” (62).*

A oitava categoria é a do *Desamparo*. A impressão que temos a partir dos relatos é de que a família com todos os seus membros está em sofrimento. Seja os pais que se encontram em divergência consigo mesmos, entre si e com os filhos, sejam os filhos que sofrem da sua própria barbárie e da barbárie do descuido e das atuações dos pais. Esta situação assume características bem cotidianas como aparece na observação de uma das cenas em que nos momentos onde o pai está arrumando as malas para fazer sua viagem Daniel chora muito, deita no chão, bate no pai, xinga:

*“Seu idiota!” (xinga a mãe) “Sua vagabunda!”, (o pai diz que tem muita paciência pois o filho sofre muito com sua ausência.) (Daniel diz assim para o pai) “Vou te matar, seu monstro. Vou te por na cadeia. Vou “tacá” coisa. Vou bagunçar tudo. “ E o pai não diz nada. (44)*

Nossa nona categoria expõe algo que se mostrou muito comum nas situações analisadas. Trata-se da *Educação com Justificação*. Na incerteza sobre o como fazer, pais tentam convencer os filhos de que o que fazem é correto. Acham que para criar e educar tem que justificar e dar explicação aos filhos de seus atos. O pai conta que: *“Ele (Daniel) argumenta muito com você (com os pais). E aí a paciência acaba e acaba todo mundo estourando” (27).* E



outro exemplo quando o pai diz: *“A gente procura conversar para tentar estar acalmando o clima”* (60).

Os pais ao não terem, eles próprios, clareza do que querem para os filhos, além do medo de perderem o amor dos mesmos, tentam justificar sua posição, negociando atitudes e assim perdendo o controle e a autoridade.

Além disso, há um foco nas atitudes negativas dos filhos, valorizando-as. O que seria nossa décima categoria *Foco no negativo*. Os pais, sendo incapazes de ressaltar aquilo de bom que os filhos apresentam, ressaltam o que tem de ruim. E reforçadas essas atitudes são permanentemente repetidas. E ainda podemos observar como os pais não conhecem muito bem seus filhos, não sabem de suas aptidões, capacidades, o que é próprio para determinada idade, o que contribui, ainda mais, para que não saibam o que fazer no processo de socialização dos filhos. Como, por exemplo, quando uma das mães diz:

*“Não sei, a gente realmente não vê os filhos que tem, né? As vezes eu só estou apontando os erros”* (14).

Os temas e categorias propostos indicam as principais dificuldades que ressaltam do discurso dos pais que vivem as vicissitudes do processo de criação/educação dos filhos. De forma geral, muitas destas dificuldades se apresentam, em maior ou menor grau, nas descrições dos autores que analisam o processo de socialização no contexto familiar na contemporaneidade. Estas dificuldades têm sido referidas pelos autores como o enfraquecimento da função paterna.

A seguir, a partir dos dados analisados, passamos a inferir sobre os elementos que podem estar condicionando o chamado declínio da função paterna na atualidade.

#### **4.6 – Função Paterna: fatores motivacionais e resultantes disfuncionais**

A observação das famílias e a análise das falas dos pais e filhos permitiu uma visualização das dificuldades encontradas pelos pais no exercício de sua função de condutor do processo civilizatório dos filhos. Na tentativa de estabelecer quais elementos se relacionam com o proclamado declínio da função paterna na atualidade, o Quadro 2, a seguir, buscou estabelecer uma organização dos temas e categorias considerando-os sob seu valor motivacional ou de resultante disfuncional.

Quadro 2. Organização dos Temas e Categorias por Fatores Motivacionais e Resultantes Disfuncionais

Fatores Motivacionais	Resultantes Disfuncionais Afetivas	Resultantes Disfuncionais na Atuação
<b>Ideal de Pais</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>· Sentimento de Desamparo</li> <li>· Sentimentos de inadequação funcional/pessoal</li> </ul> <p><b>Medo de Traumatizar</b> <b>Medo de Errar</b></p>	<p><b>Terceirização da Função Paterna</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>· Necessidade de ajuda externa</li> <li>· Busca de referência externa</li> <li>· Não autorizar-se no exercício da Função Paterna</li> </ul>
<p><b>Despreparo Emocional</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>· Imaturidade</li> <li>· Incapacidade de gerir conflitos</li> <li>· Incapacidade de auto-avaliação e reflexão</li> <li>· Desorganização interna e externa</li> </ul>	<p><b>Ambivalência afetiva em relação aos filhos</b></p> <p><b>Autopiedade</b></p>	<p><b>Passagem ao ato</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>· Incapacidade de administrar educação/tempo/casa/rotina</li> <li>· Desorganização interna e externa</li> <li>· Problemas de relacionamento familiar</li> </ul> <p><b>Foco no Negativo</b></p>
<p><b>Disposição Afetiva dos Pais</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>· Medo de perda de amor</li> <li>· Insegurança (não saber)</li> <li>· Culpa</li> <li>· Identificação – Projeção</li> <li>· Ambivalência afetiva</li> <li>· Desejo de se livrar da responsabilidade</li> <li>· Frustração</li> </ul>		<p><b>A-Simetria</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>· Horizontalização autoridade pais</li> <li>· Verticalização autorizada filhos</li> </ul> <p><b>Incapacidade de estabelecer regras</b></p> <p><b>Educação com Justificação</b></p>

Considerando os resultados sob a ótica do processo relacional entre pais e filhos e especificamente naquilo que se refere à tarefa que cabe aos pais no processo de socialização dos filhos, a segunda e terceira colunas agrupam os temas e categorias que se referem ao que denominamos de um modo geral *Resultantes Disfuncionais* e que pensamos evidenciar os sentimentos, os medos e atuação dos pais neste processo.

Esta descrição das *Resultantes Disfuncionais* nos indica aquilo que sob os aspectos da afetividade e da atuação tem sido indicado pelos autores revisados como expressão fenomenológica do declínio ou enfraquecimento da função paterna. Cabe-nos indicar o que tem acontecido com muitos pais na atualidade que, em conjuntura semelhante à dos pais de nossa pesquisa, não têm conseguido exercer plenamente, o que lhes é de direito e de dever: a função paterna.

No Quadro 2, a primeira coluna destaca os *Fatores Motivacionais* que puderam ser explicitados da fala dos pais. Pensamos que, pelo menos no que diz respeito às famílias analisadas, estes são os fatores que acabam por estabelecer a impotência afetiva e cognitiva que induzem as disfunções verificadas no contexto do exercício da função paterna. São eles: *Ideal de Pais*, *Despreparo Emocional e Disposição Afetiva dos Pais*. No quadro 2, cada um dos fatores encontra-se relacionado com resultantes disfuncionais específicos, contudo, acreditamos que de fato exista entre eles uma interação recíproca proporcionando uma retroalimentação permanente.

O primeiro fator, *Ideal de Pais*, como mencionamos anteriormente, refere-se a uma crença imaginária em *um savoir faire*. Esse Outro que sabe reserva aos pais o lugar de um não saber. Não saber que parece estar

relacionado aos sentimentos de inadequação pessoal e funcional e, também, do não autorizar-se na espera do mestre que lhe transmitirá o saber do exercício da função que lhes cabe. Constatase que a criação/educação recebida pelos pais é desconsiderada e não lhe serve de referência para ser exercida junto aos filhos.

Uma fala recorrente dos pais talvez possa nos elucidar sobre a origem dessa ausência de referência. Muitas vezes, para justificar sua inoperância paterna, dizem que não são *profissionais* em educar crianças, que não tem *estudo* que os sustente. Apontam assim para o foco da necessidade de Outro que venha suprir com mestria sua função.

Pela demanda desses pais observa-se que o saber que anteriormente vinculava-se às gerações anteriores, a tradição que encarnava a força simbólica e coercitiva da lei, na atualidade, está outorgado a outros agentes como o Estado de direito e a ciência. Portanto, na contemporaneidade, enquanto o lugar ocupado pela tradição, pelo saber paterno passa por um declínio, há uma inflação do saber conferido à ciência e uma inflação de poder conferido às instituições representativas do Estado de direito. Nada mais lógico do que o engendramento nos pais de um vazio de referências, de desinvestimento da lei que se reproduz como insegurança e incapacidade funcional suscitando a necessidade cada vez mais imperiosa de consultar os especialistas

Essa convocação do especialista (médicos, psicólogos, pedagogos, autores de livros de auto-ajuda, programas televisivos, etc.) deveria se desdobrar no desenvolvimento de recursos internos que viessem a facilitar o exercício da função paterna, no entanto, em um círculo que se apresenta

vicioso, a submissão ao saber dos especialistas enfraquece a confiança dos pais ao mesmo tempo aumentando a dependência dos discursos técnicos feitos por esses especialistas: “*é uma pena não ter o disque Nanny*” (77).

Este enfraquecimento da confiança pode estar diretamente relacionado à *Disposição Afetiva dos Pais* e ao *Despreparo Emocional* apresentados por estes no exercício de sua função. Sob estes aspectos os arranjos familiares analisados diluem a formalização dos lugares antes fixados para pais e filhos e modificam a preocupação primária dos pais quanto ao que priorizar na sua relação e função para com os filhos. Se antes o objetivo centrava-se na educação, atualmente a questão central apresenta-se como a preocupação de não errar e ser amados por seus filhos.

## 5. Considerações finais:

### Declínio da função paterna ou declínio dos pais?

*Então isso vai me fazer crescer muito. A gente tem tanto medo em errar que erra em ter medo, acho que é essa que é a história. Acho que eu tenho que começar tudo de novo.”(16)*

A contemporaneidade tem sido acompanhada de transformações que fazem reflexo em todos os campos da sociedade. Na medida em que a sociedade se transforma, do homem são exigidas respostas que conformem as alterações implicando novas posturas frente à realidade. Estas respostas nem sempre ocorrem de modo linear e, muitas das vezes, esbarram nas dificuldades impostas pelos novos arranjos estabelecidos.

Esse trabalho se propôs a analisar o que tem sido indicado como um dos paradigmas para se pensar as resultantes das mudanças ocorridas na atualidade, o que tem sido conceituado como declínio da função paterna. Essa função paterna tem ocupado lugar de referência para se pensar tanto aos novos contornos do *pathos* individual, mas também, do *pathos* da coletividade.

A literatura sobre esse tema tem apontado, em todas as formas de ruptura da fronteira da civilização (sob todas as formas de violência), a relação a um declínio, enfraquecimento, falência e ausência da função paterna. Tem-se seguro teoricamente que o que se denomina por função paterna tem como principais objetivos demarcar limites, estabelecer regras, interceder, estruturar e mediar o desejo, possibilitando que o homem se torne sujeito às leis da civilização.

Ora, por mais que estejamos vivendo tempos de um incentivo a uma economia do gozo e não mais do recalque (Melman, 2008), a função paterna constitui-se bem intangível do modo civilizatório. A afirmar a sua *falência* seria afirmar a falência da civilização e o retorno à barbárie, fato não confirmado pela realidade social.

O que pudemos observar nas famílias objeto deste estudo é uma caricatura de algo que tem se tornado acentuado em menor ou maior grau no contexto contemporâneo da instituição família. Contudo, pensamos que ainda não foram jogados fora o bebê junto com a água do banho.

Destarte, infere-se dos temas e categorias, representação das vivências apontadas nas falas dos pais, uma permanente referência a uma função paterna que querem exercer, mas não encontram em si os recursos para o exercício de sua transmissão.

Deste modo, os fatores motivacionais e as resultantes disfuncionais a que chegamos em nosso estudo nos fazem afirmar que o que tem sido apontado como um declínio da função paterna pode ser generalizada para um declínio do lugar do pai e da mãe na família, esses se sentem aquém de sua tarefa, pois inseridos nos novos arranjos da contemporaneidade não encontram os meios para mediar a relação com os filhos, não cumprindo a tarefa que, como já foi dito, lhes pertence de direito e dever de inserir cada novo sujeito no processo civilizatório.

Como pudemos ver, muitos fatores relacionam-se as dificuldades enfrentadas pelos pais no exercício da função paterna. Talvez, a principal se refira a uma hesitação em reconhecer-se nesse lugar que lhe é devido. Esta hesitação nos parece derivar, sobretudo, de um sentimento de não-saber, de



não ser *O especialista*, *O profissional* que teria ao seu dispor as ferramentas para se esculpir, de forma perfeita, o sujeito civilizado. Vacilante diante do medo de errar e do medo de perda de amor dos filhos os pais se apassivam diante de um mestre suposto saber.

Diante do contexto analisado, a psicanálise é convocada não só a pesquisar não apenas os efeitos resultantes dessas mudanças no contexto da família contemporânea, mas também a pensar em dispositivos que possibilitem fazer funcionar a função paterna para pais e filhos.

## Referências Bibliográficas

ADORNO, T. W. & HORKHEIMER, M. (1986). Temas Básicos da Sociologia. São Paulo: Cultrix.

ALBUQUERQUE, J. E.R. (2006). Declínio da Autoridade: do Nome-do-Pai ao Sintoma. Belo Horizonte: Retirado de [http://www.trt3.jus.br/escola/download/revista/rev\\_73/Judith\\_Albuquerque.pdf](http://www.trt3.jus.br/escola/download/revista/rev_73/Judith_Albuquerque.pdf)

ARIÈS, P. (1981). História Social da Criança e da Família. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos.

BADINTER, E. (1985). Um Amor Conquistado: O Mito do Amor Materno. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

BARDIN, L. (2009). Análise de Conteúdo. Lisboa: Edições 70.

DOR, J. (1991). O Pai e sua Função em Psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

BIRMAN, Joel. (2003). Soberania, crueldade e servidão: mal-estar, subjetividade e projetos identitários na modernidade. In: PINHEIRO, Teresa (org.). Psicanálise e formas de subjetivação contemporâneas. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria Ltda, 2003, p. (11-26).

FREUD, S. (1996). Três Ensaios Sobre a Teoria da Sexualidade. Em: Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud. v. VII, Rio de Janeiro: Imago, p. 117-229, 1996 (1905).

\_\_\_\_\_. (1996). Totem e Tabu. Em: Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud. v. XIII, Rio de Janeiro: Imago, p. 11-162, 1996 (1913[1912-13]).

\_\_\_\_\_. (1996). Psicologia de Grupos e a Análise do Ego. Em: Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud. v. XVIII, Rio de Janeiro: Imago, p. 77-154, 1996 (1921).

\_\_\_\_\_. (1996). A Organização Genital Infantil: Uma Interpolação na Teoria da Sexualidade. Em: Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud. v. XIX, Rio de Janeiro: Imago, p. 153-162, 1996 (1923<sup>a</sup>).

\_\_\_\_\_. (1996). O Ego e o Id. Em: Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud. v. XIX, Rio de Janeiro: Imago, p. 13-80, 1996 (1923<sup>b</sup>).

\_\_\_\_\_. (1996). A Dissolução do Complexo de Édipo. Em: Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud. v. XIX, Rio de Janeiro: Imago, p. 189-200, 1996 (1924).

\_\_\_\_\_. (1996). O Futuro de uma Ilusão. Em: Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud. v. XXI, Rio de Janeiro: Imago, p. 13-63, 1996 [1927].

\_\_\_\_\_. (1996). O Mal-Estar na Civilização. Em: Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud. v. XXI, Rio de Janeiro: Imago, p. 67-148, 1996 ([1930]/1929).

HORKHEIMER, M. (1983). Autoridade e Família. Lisboa: Apaginastantas.

LACAN, J. (1987). A Família. Lisboa: Assírio & Alvim Cooperativa Editora e Livreira.

LAPANCHE, J. & PONTALIS, J.-B. (1967). Vocabulário da Psicanálise. São Paulo: Martins Fontes Editora.

LASCH, C. (1983). A Cultura do Narcisismo: A Vida Americana numa Era de Esperanças em Declínio. Rio de Janeiro: IMAGO.

\_\_\_\_\_. (1991). Refúgio num Mundo sem Coração: A Família: Santuário ou instituição sitiada? Rio de Janeiro: Paz e Terra.

LEBRUN, J.-P. (2004). Um Mundo sem Limite: Ensaio para uma Clínica Psicanalítica do Social. Rio de Janeiro: Companhia de Freud.

\_\_\_\_\_. (2008<sup>a</sup>). A Perversão Comum: Viver Juntos sem Outro. Rio de Janeiro: Companhia de Freud.

\_\_\_\_\_. (2008b). O Futuro do Ódio. Porto Alegre: CMC Editora.

MARX, K., e ENGELS, F. (s.d). Manifesto do partido comunista. Em: Textos. São Paulo, Ed. Sociais (p.13-47).

MELMAN, C. (2008). O Homem sem Gravidade: gozar a qualquer preço. Rio de Janeiro: Companhia de Freud.

MONTEIRO, D. A. (2001). A Função Paterna e a Cultura. Em: [HTTP://pepsic.homolog.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=](http://pepsic.homolog.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=). Salvador: Círculo Psicanalítico da Bahia.

NASIO, J. – D. (2007). Édipo. O Complexo do qual nenhuma criança escapa. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

PAOLI, C. (2010). As faces do pai. Em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S0101.48382010000100003&script=sci\\_arttext&tlng=en](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S0101.48382010000100003&script=sci_arttext&tlng=en). Rio de Janeiro: Tempo psicanalítico.

ROSA, J.G. (2001). Manuelzão e Miguilim. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

ROUDINESCO, E. (2003). *A Família em Desordem*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

ROUDINESCO, E. & PLON, M. (1998). *Dicionário de Psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

SANTOS, T. C. (2001). *Quem precisa de análise hoje?* Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

WAGNER, A. (2003). A família e a tarefa de educar: algumas reflexões a respeito das famílias tradicionais frente a demandas modernas. Em: *Família e casal: arranjos e demandas contemporâneas*. FÉRES-CARNEIRO, T. (Org.) Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio: Edições Loyola.

## ANEXOS

## ANEXO 1

DVD Super Nanny – 1ª temporada

Família 4 – Disco 1

Mãe: Patrícia - 35 anos – artista plástica

Pai: Hélio – 36 anos – gerente.

Filhas gêmeas: 4 anos Bárbara e Letícia

Gustavo 3 meses. Segundo o pai é um bebê muito calminho.

“Elas não tem postura, disciplina. Você manda parar e elas não param. O que uma faz a outra faz. Elas são muito companheiras nisso. Na arte da bagunça o que uma faz a outra termina” (Mãe)

“A Bárbara é um pouquinho mais calada e mais bagunceira e a Letícia tem personalidade mais forte, mais geniosa, ela é mais mandona, ela é mais respondona, ela é mais atrevida. O comportamento delas mudou muito depois que o bebê nasceu, voltaram a fazer xixi na cama que elas já tinham parado há muito tempo. Começaram a fazer mais manha mais pirraça parece que para chamar atenção. E pararam de comer de vez e isso me incomoda bastante. Elas não comem nada” (pai)

“Elas tem muito ciúmes do neném. O Hélio é muito calmo ele tem uma forma de controlar a situação que sempre sai melhor que a minha” (Mãe)

TEMAS	FALA DOS PAIS
Descontrole emocional da mãe Visão de “tentar convencer” Criar e educar com explicação. Simetria na relação	1. Pai: “Ela (a mãe) tenta resolver todas as bagunças, tudo no grito. Isto realmente me incomoda muito. Eu fico falando para ela parar de gritar, para tentar conversar”
Descontrole emocional da mãe Mãe atua com agressividade.	2. Mãe: “Eu elevo bem a voz mesmo”
Descontrole emocional da mãe Imaturidade emocional	3. Mãe: “É um momento muito delicado que eu estou passando por causa do bebê. Eu sinto que estou sem as

<p>Incapacidade de gerir conflitos</p> <p>Ausência de limites</p> <p>Sente necessidade de ajuda externa</p> <p>Incapacidade de estabelecer regras</p> <p>Quer mas não sabe como, não efetiva.</p>	<p>rédeas, sem controle sobre elas. Eu não consigo mais controlar. Eu preciso de ajuda para tentar resolver esse problema. Porque as meninas me deixam tão desequilibrada... Eu ponho na mesa e ponho o relógio. E digo: Vocês tem tantos minutos para nós comermos, vai uma hora, uma hora e meia. Quando comem”</p>
<p>Frustração</p> <p>Culpa por falhar em não exercer sua função</p>	<p>4. Mãe: “Eu me sinto muito frustrada. No sentido de não conseguir controlá-las”</p>
<p>Descontrole emocional da mãe</p> <p>Clima de tensão no relacionamento com o pai</p>	<p>5. Pai: “A Patrícia por causa das duas fica muito nervosa, eu chego aqui no final do dia ela está uma pilha. Brigando comigo, brigando até com o bebê. As meninas realmente tiram ela do sério, deixam ela muito alterada”</p>
<p>Culpa</p> <p>Imaturidade emocional</p> <p>Insegurança dos sentimentos em relação às filhas</p>	<p>6. Mãe: “No caso da Bárbara e da Letícia eu me sinto dividida, eu fico com medo de dar amor mais para uma do que para outra”</p>
<p>Descontrole emocional da mãe</p> <p>Imaturidade emocional da mãe</p> <p>Incapacidade de administrar as situações com as filhas</p>	<p>7. Pai: “Esse comportamento da Patrícia afeta minha vida profissional no sentido de que ela às vezes acaba ligando pra mim, me cobrando, quer que eu saia mais cedo ou quer que eu deixe de ir a um compromisso profissional para poder vir ajudar, ou vir acudi-la”</p>
<p>Descontrole emocional da mãe</p> <p>Frustração</p>	<p>8. Mãe: “O meu stress no fim do dia é caótico. Eu jogo essas frustrações em cima do Hélio.</p>

<p>Desorganização</p> <p>Afeta a relação do casal</p> <p>Caos externo (na casa)</p> <p>Caos interno (mãe)</p> <p>Caos no relacionamento familiar</p>	<p>Então eu cobro muita coisa dele, mas ele está chegando agora e ele não viu como foi o dia. Eu não considero minha casa arrumada. Um dia minha casa já foi arrumada. Hoje ela é um caos.</p>
<p>Incapacidade de gerir conflitos</p> <p>Busca de referência exterior</p> <p>Busca de ajuda em alguém externo à família</p> <p>Sem orientação, sem referência</p> <p>Imaginário fantasioso</p>	<p>9. Pai: “Eu particularmente preciso bastante da ajuda da Super Nanny, que possa nos ajudar, que possa nos orientar, para conseguir essa harmonia que a gente precisa”</p>
<p>Busca de referência exterior</p> <p>Busca de ajuda em alguém externo à família</p> <p>“Crianças terríveis” – comportamento sentido como inato às crianças</p> <p>Há uma cisão entre os processos educativos que executam e o resultado no comportamento dos filhos que obtém</p>	<p>10.Mãe: “Super Nanny você pode ajudar uma mãe estressada, com duas crianças terríveis, judiando de um casal que só quer o bem delas? Você pode ajudar por favor Super Nanny, please?”</p>
<p>Busca de referência exterior</p> <p>Busca de ajuda em alguém externo à família</p> <p>“Pegar firme” – mas sem saber como</p> <p>Mãe sabe que faz tudo errado</p>	<p>11.Mãe: “Eu acho que ela vai me ajudar muito, ela vai pegar firme nos problemas da minha casa. Eu tenho certeza. Mas eu tenho medo de ela virar e falar você faz tudo errado”</p>
<p>Estranheza em ser observada</p> <p>Expressa não ter distanciamento para analisar situação</p>	<p>12.Mãe: “Eu me senti um pouco estranha com a Nanny aqui em casa. Porque ela repara em tudo, né? Então é um pouco complicado isso”</p>
<p>Vergonha</p>	<p>13.“Eu acho que é vergonhoso chegar numa casa e ver tanta</p>



<p>Frustração</p> <p>A vida familiar estragada</p>	<p>coisa estragada, entendeu?”</p>
<p>Incapacidade de auto-avaliação</p> <p>Incapacidade de distanciar</p> <p>Há um foco nas atitudes negativas dos filhos, valorizando-as</p>	<p>14.Mãe: “Não sei, a gente realmente não vê os filhos que tem, né? As vezes eu só estou apontando os erros”</p>
<p>Estranheza em ser observado</p> <p>Incapacidade de auto-avaliação</p> <p>Ausência de referência</p> <p>“Evidência” da falha, mas incapacidade de perceber e mudar.</p>	<p>15.Pai: “Eu achei que foi uma conversa muito boa, uma conversa muito positiva. Parece estranho, pois é uma pessoa de fora que falou um monte de coisas que estava na cara da gente. Na minha frente, na frente da Patrícia o tempo inteiro e que a gente não enxergava, né?”</p>
<p>Medo em errar</p> <p>Sem referência que positivem sua ação</p> <p>A higienização científica (trauma) torna pais reféns</p>	<p>16.Mãe: “Então isso vai me fazer crescer muito. A gente tem tanto medo em errar que erra em ter medo, acho que é essa que é a história. Acho que eu tenho que começar tudo de novo”</p>
<p>Sobrecarga</p> <p>Frustração</p> <p>Filhos são um fardo</p> <p>Sem prazer em atividades, trabalhosa</p> <p>Sem tempo de família</p>	<p>17.Mãe: “Aqui em casa é assim quando o Hélio chega, eu passo para ele. É como se a gente passasse o turno. E eu não tenho esse tempo realmente de família. Isso eu não faço”</p>
<p>Ausência de referência</p> <p>Incapacidade de auto-avaliação</p> <p>Necessidade de uma referência exterior à família</p> <p>Cuidar – palavra esquecida</p> <p>Intervenção – mudar, fazer diferente</p>	<p>18.Mãe após a intervenção da Super Nanny: “Eu comecei a cuidar mais do como falar, do como agir e como observar minha casa com outros olhos. É como se eu tivesse perdido a rédea, né, da casa. E ela me apontou justamente isso. Vamo mudar, vamo fazer uma coisa diferente, né”</p>

<p>Mudança na maneira de agir</p> <p>Muda a posição de onipotência</p> <p>Posição mais realista</p>	<p>19.Mãe: “A mudança ela não será rápida, eu vou cometer erros. Todo mundo comete, mas eu vou tentar fazer o melhor “</p>
<p>Incapacidade de gerir conflitos</p> <p>Necessidade de uma referência exterior à família</p> <p>Incapacidade de estabelecer regras – Lei</p>	<p>20.Pai: “Antes era mais complicado, antes a gente tinha que ficar andando pela casa para dar comida na boca delas. Ou então comia um pouquinho de nada e elas já não queriam mais. A hora da refeição era mais tumultuada”</p>
<p>Incapacidade de auto-avaliação</p> <p>Necessidade de uma referência exterior à família</p>	<p>21.Mãe: “O que eu fazia de errado é que eu colocava muita comida no prato. E ela apontou isso muito bem”</p>
<p>A mãe admite que o descontrole é dela</p>	<p>22.Mãe: “Se eu não conseguir organizar as coisas dentro, né, do que eu busco, como que eu vou conseguir ficar controlada?”</p>
<p>Necessidade de uma referência exterior à família</p> <p>Falta de referência interna</p> <p>Perda de valores ou esquecimento dos mesmos</p> <p>Sem referências</p> <p>Esgotamento</p> <p>Na fantasia da mãe criar filhos era fácil</p>	<p>23.Mãe: “Ela ter vindo aqui, ela causou uma transformação na minha casa e em nós como um todo. Nós começamos a observar os valores que nós tínhamos e eles foram perdidos. Não é que foram perdidos, eles foram esquecidos devido ao esgotamento ao cansaço”</p>
<p>Necessidade de uma referência exterior à família</p> <p>Consciência da sua função</p> <p>Família em sofrimento</p> <p>Falta de convivência familiar</p> <p>Pais não conhecem filhos</p>	<p>24.Mãe: “Eu tava vendo nas meninas o quê? Sofrimento, cansaço, tristeza, falta de comer. Por quê? Porque era aí que eu tinha o defeito de ver só a parte negativa do negócio. Quando ela veio e falou: “Olha suas filhas tem o olhar triste!” Eu falei: “gente o que eu estou fazendo com as minhas filhas?”</p>

<p>Necessidade de uma referência exterior à família</p> <p>Elaboração</p> <p>Sentimento de estar refém.</p>	<p>25.Mãe: “Ela me mostrou que as minhas filhas eram reflexo do meu comportamento. Então não é que as minhas filhas eram estressadas, nervosas. Eu era estressada, eu era nervosa. No momento em que ela falou dê liberdade para suas filhas que você vai ter liberdade. Ok!”</p>
---	---

## ANEXO 2

DVD Super Nanny – 1ª temporada

Família 4 - Disco 2

Apresentação da família:

Mãe: Tatiana – 27 anos – dona de casa.

Pai: Ivan – 34 anos – consultor de segurança.

Giovanna tem 8 anos. é fruto do relacionamento da mãe de um primeiro relacionamento.

“Ela é meiga, não dá muito trabalho. Mas ela é bem bagunceira, ela é desorganizada. Esquecida, desatenta” (Mãe)

Daniel - 3 anos. “Esse é terrível, não pára um minuto, é um espuleta. Às vezes ele passa o dia inteiro chorando, gritando, ameaçando. Ele xinga, ele bate, ele joga o que ele tem à mão. Mas quando ele está tranqüilo, assim ele é uma criança carinhosa, mas é raro” (Mãe)

Lívia – 7 meses. “Ela já está começando a mostrar a personalidade, ta começando a grudar” (Mãe)

“O Daniel ele é ciumento. Ele demonstra isso com agressividade. Não gostando que a gente divida a atenção com os outros dois”(Pai)

“Tem hora que ele tem aquele ciúmes, ele tem que grudar, que ele quer bater e agredir. Tem hora que ele defende”(Mãe)

TEMAS	FALA DOS PAIS
Superproteção Excesso de amor Falta vivida na relação com os pais	26.Mãe: “Eu acho que eu mimei muito ele (Daniel), não só eu como ele o Ivan também. Foi o primeiro filho dele, filho homem”

<p>Falta de paciência</p> <p>Descontrole emocional</p> <p>Relação simétrica</p> <p>Conflito familiar</p>	<p>27.Pai: “Ele (Daniel) argumenta muito com você. E aí a paciência acaba e acaba todo mundo estourando”</p>
<p>Incapacidade de gerir conflitos</p> <p>Ausência de limites</p> <p>Descontrole emocional</p> <p>Incapacidade de impor limites</p>	<p>28.Mãe: “Na hora que ele chega da escola, se ele chegar acordado ele chega quebrando tudo. Na hora do almoço é um tumulto. Tem que correr atrás dele, ele quer sentar no cadeirão da irmã, daí a gente briga com ele”</p>
<p>A ausência física do pai gera culpa nele próprio</p> <p>Culpa</p> <p>Ausência de limites</p>	<p>29.Pai: “Eu viajo muito então quando eu chego, ele (Daniel) quer descarregar aquele tempo comigo e ele demonstra esse tipo de carinho, as vezes de uma forma agressiva. Eu custumo ficar por mês de 10 a 15 dias fora. Então o contato metade do mês é por telefone. Ele começa a ligação sempre perguntando se eu vou voltar hoje. Se a resposta é não. Aí são palavras de tudo que você possa imaginar. Ele fica muito chateado. E o tempo que eu estou aqui eu penso: Eu vou brigar com ele?”</p>
<p>Ausência de limite</p> <p>Incapacidade de gerir conflitos</p> <p>Falência da função paterna</p> <p>Modelo desestruturante</p>	<p>30.Mãe: “Ele fica me atormentando perguntando se o pai volta hoje eu falo que não então ele piora. Eu nunca posso deixar ele sozinho com a Lívia porque ele faz malvadeza com ela. Ele dá soco na pequena, ele vira o andador para derrubar ela. Ele puxa o pé dela, ele pega o braço dela e torce. Ele grita no ouvido dela para chorar”</p>
<p>Descontrole emocional da mãe</p> <p>Imaturidade emocional</p>	<p>31.Observação das cenas pela pesquisadora: O menino grita o tempo todo a mãe pede gritando para ele parar, até que</p>

Incapacidade de gerir conflitos	a mãe grita no ouvido dele e pergunta se ele achou bom.
Descontrole emocional da mãe Incapacidade de gerir conflitos Inversão dos papéis Assimetria, porém o filho é quem está por cima	32.Pai: “Eu acabei percebendo que ela está administrando a casa com estresse. A gente quer que ele pare de apontar o dedo, apontando o dedo para ele”
Descontrole emocional Imaturidade emocional Passagem ao ato (agressividade) Incapacidade de impor regras	33.Mãe “Mas tem hora que não dá, da vontade de pegar ele por um pano na boca. Eu chego no meu limite, tem horas que eu tenho que dar uma chineladas, porque não dá”
Superproteção Simetria Divergência Conflito entre casal Falha no papel de mãe	34.Pai: “Ela super protegeu ele, e agora quando ela vai se impor como mãe, não tem moral. É uma pessoa discutindo com outra. Então a gente acaba, assim, divergindo no nosso relacionamento, assim dessa forma”
Ausência de limites Desorganização Ausência da vivência familiar Sem prazer na relação, sem cuidar, sem afeto	35.Mãe: “E outra coisa ele (Daniel) suga muito o meu tempo, daí eu não tenho tempo para mim Tatiana, para ele Ivan e para a gente enquanto casal. A casa fica uma bagunça, eu vivo arrumando, eu vivo limpando, eu vivo cuidando deles e eu não consigo fazer nada”
Descontrole emocional Imaturidade emocional Incapacidade de gerir a vida  Frustração	36.Pai: “Então ela fica chorosa, né? Ela apresenta assim quadros de muita tristeza, silêncio, recolhimento, então isso também me deixa chateado, porque eu não estou conseguindo resolver o problema do meu filho, e a minha esposa também está chateada, isso é frustração também”

<p>Esgotamento emocional</p> <p>Busca de referência exterior à família</p> <p>Reconhece incapacidade, mas não muda de atitude</p>	<p>37.Mãe: “Já ultrapassou meus limites. Eu preciso que a Super Nanny venha me ajudar, eu não agüento mais. Eu to assim preparada para ouvir as críticas que ela tiver que fazer que eu sei que vão ser muitas”</p>
<p>Culpa</p> <p>Medo</p> <p>Desejo do pai de não traumatizar de fazer a coisa certa. Pai quer educar da maneira prescrita</p>	<p>38.Pai: “Eu sei que eu deveria ter mais paciência com o meu filho. Só que eu queria canalizar esta vontade que eu tenho de acertar de uma forma correta sem stress. Para mim, para ele e para a Tatiana”</p>
<p>Frustração</p> <p>Culpa</p> <p>Sobrecarga</p> <p>Ausência de referência</p> <p>Pais perdidos</p> <p>Despersonalização – sem referência</p>	<p>39.Mãe: “Eu me sinto frustrada, eu me sinto perdida. Tem hora que eu penso assim: “Meu Deus do céu aonde eu errei?”. O que eu preciso fazer para melhorar? Eu acho que eu não sou ninguém. Eu to sempre assim: a mãe do Daniel, a mãe da Giovanna, a mãe da Lívia. Eu to anulada assim praticamente”</p>
<p>Busca de uma referência exterior à família</p>	<p>40.Pai: “Dá uma ajuda para a gente Super Nanny, porque tá difícil”</p>
<p>Esgotamento</p> <p>Busca de uma referência exterior à família</p>	<p>41.Mãe: “Super Nanny pelo amor de Deus vem me ajudar porque eu não agüento mais”</p>
<p>Busca de uma referência exterior à família</p>	<p>42.Mãe: “Eu estava mesmo esperando alguém que pudesse me ajudar e eu espero que isso aconteça”</p>
<p>Sem referências</p> <p>Pais precisam de alguém para referenciar e os autorizar no papel de pai e mãe</p>	<p>43.Pai: “Tô ansioso aí para ouvir os conselhos dela, agora vamos ver se ela vai conseguir dar o conselho e a gente por na prática”</p>
<p>Culpa</p> <p>Incapacidade de impor limites</p> <p>Silêncio do pai frente às barbáries do</p>	<p>44.Observação das cenas pela pesquisadora: Nos momentos em que o pai está arrumando as malas para fazer sua viagens Daniel chora muito,</p>

<p>filho</p> <p>Impotência</p> <p>Não acolhe o sofrimento do filho</p> <p>Desamparo</p>	<p>deita no chão, bate no pai, xinga “Seu idiota!” xinga a mãe: “Sua vagabunda!”, o pai diz que tem muita paciência pois o filho sofre muito com sua ausência.</p> <p>Daniel diz assim para o pai: “Vou te matar, seu monstro. Vou te por na cadeia. Vou “tacá” coisa. Vou bagunçar tudo.” E o pai não diz nada.</p>
<p>Desorganização</p> <p>Incapacidade de administrar o tempo</p> <p>O trabalho do pai o faz ser ausente tanto na quantidade quanto na qualidade das relações na família e isso gera culpa.</p>	<p>45.Pai: “O tempo que estou em casa não aproveito para estar com Daniel. Porque eu estou ligado 24 horas à empresa que eu trabalho. É assim eu atendo telefone, assisto televisão e brinco com eles. Então uma das coisas eu acabo não fazendo com qualidade, com certeza”</p>
<p>Descontrole emocional</p> <p>Imaturidade emocional</p> <p>Ausência de limites</p> <p>Incapacidade de gerir conflitos</p> <p>Perda total da capacidade de pensar</p> <p>Atuam apenas com descarga de energia</p>	<p>46.Mãe: “Às vezes quando ele dá esses ataques de loucura, (Daniel grita, xinga os pais e se bate) eu fico tão irritada, eu fico tão louca que eu chamo ele de louco. Daí ele fica mais irritado, fica nervoso, quer me bater, quer me agredir”</p>
<p>Incapacidade de gerir conflitos</p>	<p>47.Pai: “É uma forma de ele reagir, ele xinga bastante. Mas é uma coisa que está difícil de tirar dele”</p>
<p>Descontrole emocional</p> <p>Imaturidade emocional</p> <p>Incapacidade de gerir conflitos</p> <p>Criança desamparada</p>	<p>48.Mãe: “É gostoso bater na cara? (Após Daniel se bater). A mãe bate nas mãos dele. “Pára de se arranhar”. E grita: “Não se arranha que você vai se machucar. Eu acho que vou levar sabe você aonde? No manicômio de louco. Você está ficando louco para mim”</p>



<p>Descontrole emocional</p> <p>Imaturidade emocional</p> <p>Incapacidade de gerir conflitos</p> <p>Pais modelos</p>	<p>49.Pai: “A gente pede para ele parar de gritar gritando”.</p>
<p>Incapacidade de auto-avaliação</p> <p>Necessidade de referência exterior à família</p> <p>Precisa de Outro para perceber-se</p> <p>A Super Nanny é o terceiro da relação</p> <p>Mãe e pai não conseguem mediação</p> <p>Não saem da etapa de fusão mãe e filho</p>	<p>50.Mãe: “A gente percebia mas não queria acreditar que era a gente que estava errando e falhando em alguma coisa. Eu concordei com tudo que a Super Nanny falou, tudo”</p>
<p>Incapacidade de auto-avaliação</p> <p>Necessidade de referência exterior à família</p>	<p>51.Pai: “A gente precisa de organização, de disciplina mesmo. Na minha opinião caiu como uma bomba na cabeça da Tatiana. Ela ficou surpresa principalmente porque a mudança depende da gente”</p>
<p>A intervenção traz as regras para os pais e conseqüentemente para os filhos</p>	<p>52.Mãe após intervenção da Super Nanny: “O ambiente da casa está mais sereno, o Daniel está fazendo menos escândalo ta comendo melhor. As crianças no geral, até a pequeninha está dormindo mais rápido a noite”</p>
<p>Quando a Super Nanny vai embora, pai se mostra inseguro, sem referência</p>	<p>53.Pai: “O desafio é fazer as coisas rolaem de uma forma natural, ta? Então isso para mim causa um pouco de preocupação. Mas é um desafio né?”</p>
<p>O uso da expressão “arrumar uma criança” demonstra como as relações desta família são estabelecidas de maneira funcional, sem elaboração afetiva.</p>	<p>54.Mãe: “O efeito da Super Nanny foi super positivo, hoje eu posso falar com a minha experiência que é possível sim você arrumar uma criança em menos até em 15 dias. Foi o que aconteceu aqui”</p>

	55.Pai: "O Daniel pode ter mudado, mas a gente mudou muito mais"
	56.Mãe: "Super Nanny muito obrigada por ter devolvido a tranqüilidade para a minha casa de novo"
	57.Pai: "Mas olha eu recomendo viu. A Super Nanny é dez, muito bom"

### ANEXO 3

DVD Super Nanny – 1ª temporada

Família 1 – Disco 3

Mãe: Tamara - 24 anos - esteticista

Pai: Carlos Eduardo – 32 anos – analista de sistemas

A mãe antes de apresentar os três filhos:

“Os três são impossíveis”(Mãe)

Kauana: 5 anos. “A gente acha que ela é assim um pouco mais adiantada. Ela já está assim querendo bater de frente com a gente na educação. Ela começa a discordar, mas eu acho que ela está discordando muito cedo”(Pai)

“Ela tem vontade própria. Ela tem os pensamentos dela então ela sabe expor o que ela pensa. Então ela diz assim: Você não precisa gritar comigo, você iria gostar se eu gostasse de você? Ela não tem idade ainda para falar o que ela quer. Quem manda somos nós não ela”(Mãe)

Nicolas: 3 anos.

“O Nicolas por ser um ano e meio mais novo que ela ainda, né. Ele é um pouco, ele ta na fase ainda de você dar uma bronca nele, ele é mais nervoso assim que ela. Ele é bem nervosinho assim, já sai chutando e faz birra, chora e se joga no chão né” (Pai)

“Os dois batem de frente só que de maneiras diferente. Ela é verbal e ele é na violência, tomou levou” (Mãe)

Murilo: 7 meses

“O Murilo é ainda muito novinho, né? Ele tem dois excelentes professores. Então ele está indo meio que na onda ele já está fazendo muita birra. Ele mama toda hora. Chorou eu paro e ponho no peito aí eu devolvo para o chão. Ele chorou de novo eu ponho ele no peito de novo. Eu ponho ele assim umas 12 vezes por dia assim mais ou menos, para mais” (Mãe)

“Eles se dão bem mas ao mesmo tempo eles tem muito ciúmes. Principalmente do neném né? Do Murilo. Eles brigam pela atenção do neném. O neném vem mais para mim, não deixa que ele vem mais para mim. Aí um bate boca com o neném. Então é um saco de pancadas eles brigam muito” (Mãe)

TEMA	FALA DOS PAIS
<p>Incapacidade de gerir conflitos</p> <p>Medo de impor limites</p> <p>Ausência de limites</p> <p>Ausência do pai</p> <p>O fato de ter dó mostra a identificação com o lugar do filho.</p>	<p>58. Pai: “Eu procuro, eu no meu caso estar sem ela numa situação. (A mãe interrompe começa a rir e diz que ele não fica sozinho com as crianças, que nunca ficou.). (E o pai continua) É difícil eu ficar, mas eu já fiquei sim. Por exemplo colocar de castigo fechar no quarto, eu sou mais mole para essas coisas aí. Eu tenho um pouco de dó”</p>
<p>Descontrole emocional</p> <p>Imaturidade emocional</p> <p>Esgotamento</p> <p>Incapacidade de gerir conflitos</p> <p>As relações são estabelecidas via processo primário com descarga de emoção.</p>	<p>59. Mãe: “Ele (o marido) briga comigo porque assim eu bato muito. Eu estouro fácil. Mas não é que eu bato muito, eu já estou num ponto que eu não consigo mais controlar. Eu qualquer coisa eu bato. Eu to errada porque eu não tenho mais esse controle. Um tapa de vez em quando faz bem, não da maneira que eu estou”</p>
<p>Descontrole emocional da mãe</p> <p>Tenta convencer o filho</p>	<p>60. Pai: “A gente procura conversar para tentar estar acalmando o clima, assim acaba afetando assim, um pouco o emocional dela, né”</p>

<p>Culpa</p> <p>Ausência de referência</p>	<p>61. Mãe: “A gente se sente totalmente errado”</p>
<p>Ausência de referência</p> <p>Culpa</p> <p>Insegurança</p> <p>Desamparo</p> <p>Para ser pai precisa ser profissional</p>	<p>62. Pai: “A gente não tem nenhuma técnica, a gente não é nenhum profissional com criança assim, para estar lidando”</p>
<p>Descontrole emocional</p> <p>Despreparo</p> <p>Incapacidade de gerir conflitos</p> <p>Busca de referência externa à família</p> <p>Culpa</p> <p>Frustração</p> <p>Sobrecarga</p> <p>Inadequação ao modelo ideal de pais.</p> <p>Mãe demonstra desespero, não sabe educar, tem descontrole total das situações.</p> <p>Conflito do casal e familiar</p> <p>Angústia</p>	<p>63. Mãe: “O Nicolas quando ele, assim, bate, às vezes, eu paro e penso assim, às vezes, é porque eu estou batendo muito. Então o erro está em mim porque ele está seguindo o que eu estou ensinando né? Eu sou muito nova, então eu fui mãe muito nova então eu não sei educar. Tem horas que eu entro em desespero. A gente precisa muito da ajuda da Super Nanny, né. Eu já estou num ponto assim que eu já estou extrapolando, então, assim, eu bato sem olhar onde. Eu grito, eu choro, eu entro em desespero. Já falei para ele (para o marido) que eu vou pegar as minhas coisas e eu vou embora, eu vou abandonar você com os três porque eu não agüento mais. Na verdade ela (a Super Nanny) não vai educar</p>

	<p>eles (os filhos) ela vai educar nós (os pais). Né? Quem precisa ser educado é a gente em relação a eles. Porque está muito difícil. Não adianta ser a Nanny, tem que ser a Super Nanny, porque a Nanny não ia dar jeito. Vem logo Super Nanny, vamo que o bicho aqui ta pegando”</p>
Busca de referência externa à família	64. Mãe: “A chegada da Nanny foi um alívio”
Busca de referência externa à família	65. Pai: “A gente estava bem ansioso para a chegada dela, esperando um pouquinho de salvação na nossa família”
Busca de referência externa à família Ansiedade	66. Mãe: “O que a gente estava esperando aconteceu. Eu estou muito ansiosa”
	67. Pai: “Eu acho que ela vai ter muito trabalho aí com as crianças”
Despreparo Busca de referência externa à família	68. Mãe: “Faz tempo que eu estou procurando ajuda e nós não conseguimos ajuda em lugar nenhum”
Descontrole emocional Imaturidade emocional Incapacidade de gerir conflitos Agressividade mútua	69. Mãe: Em um momento de descontrole de Nicolas ele começa a chorar e a bater na mãe. Então a mãe diz: “Eu não admito que filho meu bata nos pais” Ela bate nele, grita, arrasta-o pelo braço batendo nele. E grita: “Não bata mais em mim”. Nicolas diz: “Você não é mais a minha mãe”. A mãe aos berros diz: “Você é sim meu filho, porque eu te

	<p>carreguei nove meses na barriga. Eu te pari". Ele aos berros e a chutando: "Não, não é. A minha vó (paterna) é quem é minha mãe. E a mãe aos berros dizia: "Eu sou sua mãe sim" E por fim sai do quarto chorando.</p>
<p>Descontrole emocional</p> <p>Imaturidade emocional</p> <p>Medo da perda do amor do filho</p>	<p>70. Mãe: "Isso acontece todos os dias. (A respeito de ele dizer que a avó paterna é a mãe dele). "Não sei se ele tem razão em dizer o que diz. Se ele tem razão de querer a avó paterna como mãe, se eu estou fazendo certo ou se eu é que sou ruim mesmo. Por isso é que eu procurei ajuda. O meu maior medo é de perder o respeito e o amor dos meus filhos. Então quando eu escuto isso eu tenho medo que eu já tenha perdido isso. Que eu não consiga reconquistar"</p>
	<p>71. Pai: "Tudo o que ela (Super Nanny) disse eu concordei. Estou de pleno acordo"</p>
<p>O que a Super Nanny diz é o óbvio ululante, só que os pais não tem elaboração disso</p>	<p>72. Mãe: "Ela (Super Nanny) falou tudo assim, né? Eu estava pronta para ouvir"</p>
	<p>73. Pai: "Espero que a gente consiga estar colocando em prática isso daí que ela falou"</p>
<p>Despreparo</p> <p>Incapacidade de auto-avaliação</p> <p>Pais não conhecem os filhos, não sabem das capacidades e limitações</p>	<p>74. Mãe: "Eu nunca havia pensado dela (Kauana) poder me ajudar com coisas para a idade dela, né? E a Nanny trouxe e caiu como uma</p>

<p>deles. Não sabem o que é próprio da idade deles.</p>	<p>luva. Todos os métodos que ela trouxe são excelentes. Era o que eu estava esperando”</p>
	<p>75. Mãe: “Foi uma experiência show”</p>
<p>Necessidade de um outro para dizer o que é preciso fazer.  Pais não se autorizam.</p>	<p>76. Pai: “Acho que ela deixou para a gente uma lição muito importante. Eu vou guardar boas recordações do que ela falou para nós,”</p>
	<p>77. Mãe: “Ela veio, ela viu, ela falou e deu muito certo. Nanny obrigada, é uma pena não ter o disquete Nanny, mas valeu a pena”</p>